



RAUL BORGES GUIMARÃES
REGINA ARAUJO

MODERNA **EM FORMAÇÃO** **GEOGRAFIA**

LIVRO DO PROFESSOR

**LIVRO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA**

**CAMPO DE SABER:
GEOGRAFIA**

Área do conhecimento:
Ciências Humanas
e Sociais Aplicadas





MODERNA

RAUL BORGES GUIMARÃES

Doutor em Ciências na área
de Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).
Professor titular do Departamento de Geografia da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp – Presidente Prudente).

REGINA ARAUJO

Doutora e mestra em Ciências na área de Geografia Humana pela Universidade
de São Paulo (USP). Bacharela em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP).
Docente de cursos preparatórios para o Itamaraty.

MODERNA EM FORMAÇÃO GEOGRAFIA

LIVRO DO PROFESSOR

CAMPO DE SABER: GEOGRAFIA

Área do conhecimento: **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

1ª edição

São Paulo, 2021



Coordenação editorial: José Luiz Carvalho da Cruz
Edição de texto: M. Estela Heider Cavalheiro
Assistência editorial: Carla Daniela Ribeiro Araújo, Juliana Nozomi Takeda, Mariana Munhoz, Patrícia Santana Tenguan, Vanessa Paulino da Silva
Preparação de texto: Véra Regina Maselli
Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula
Coordenação de produção: Patrícia Costa
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Daniela Cunha, Desenho Editorial
Capa: Daniela Cunha
Ilustração: Daniela Cunha
Coordenação de arte: Carolina de Oliveira Fagundes
Edição de arte: Priscila Tobal
Editoração eletrônica: Casa de Ideias
Edição de infografia: Giselle Hirata, Priscilla Boffo
Coordenação de revisão: Maristela S. Carrasco
Revisão: Ana Cortazzo, Ana Maria C. Tavares, Cárta Negromonte, Cecília Setsuko, Dirce Y. Yamamoto, Sandra G. Cortés
Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron
Pesquisa iconográfica: Camila Lago, Elena Ribeiro
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Raul Borges
Moderna em formação : geografia : livro do professor / Raul Borges Guimarães, Regina Araujo. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.

"Campo de saber: Geografia
Área do conhecimento: Ciências humanas e sociais aplicadas".

1. Geografia (Ensino médio) I. Araujo, Regina.
II. Título.

20-50076

CDD-910.712

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : Ensino médio 910.712

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_11) 2602-5510
Fax (0_11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2020

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

CONHEÇA SEU LIVRO.....	5
APRESENTAÇÃO	7
Carta ao professor	7
Abordagem teórico-metodológica que embasa cada dimensão	8
Estrutura da obra	14
Atividades e/ou vivências a serem realizadas em cada dimensão	16
A linguagem cartográfica e os desafios da geografia no Ensino Médio.....	29
Sugestões de <i>sites</i> , vídeos, livros e conteúdos multimodais.....	31
Referências bibliográficas consultadas e complementares comentadas.....	37
CAPÍTULO 1 O raciocínio geográfico.....	42
Evento escolar: a importância das aulas de geografia.....	43
Práticas em geografia	44
O olhar geográfico	44
Geografia política e território	46
Para pensar e agir	47
Lugar: o espaço da vivência cotidiana.....	48
Para pensar e agir	48
Sala dos professores – A escolha da geografia.....	49
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC.....	50
Para pensar e agir	50
Temas transversais: os usos da terra	50
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais.....	51
Para pensar e agir	52
Janelas para o mundo	53
Para pensar e agir	54
Fronteiras do conhecimento: Milton Santos.....	55
Para pensar e agir	56
CAPÍTULO 2 Quem são nossos alunos?.....	57
Evento escolar: os jovens e o Ensino Médio.....	57
Para pensar e agir	58
Práticas em geografia	60
Reflexão: os territórios como práticas da geografia.....	60
Para pensar e agir	62
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais.....	63
Formas de representação espacial e linguagem dos jovens.....	63
Para pensar e agir	64
Promoção da saúde	65
Alimentação adequada.....	65
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC.....	66
Como avaliar a participação dos estudantes.....	66
Para pensar e agir	67
Temas transversais.....	68
Fronteiras do conhecimento: entrevista com Nécio Turra Neto	69
CAPÍTULO 3 A cidade na escola, a escola na cidade	72
Evento escolar: as escalas do urbano no Brasil.....	72
Para pensar e agir	74
Práticas em geografia	75
O urbano e o rural na geografia e na sala de aula.....	75
A densidade demográfica como critério	76
Critérios funcionais e morfológicos.....	77
Critérios administrativos.....	77
Um novo olhar: os arranjos populacionais.....	78
Critérios morfológicos com base em imagens de satélite	79
Para pensar e agir	80
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais	81
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC.....	83
Para pensar e agir	84
Janelas para o mundo	85
Para pensar e agir	85
Fronteiras do conhecimento: Bertha Becker e as cidades amazônicas	86
Para pensar e agir	87

CAPÍTULO 4 O espaço e o tempo nas ciências humanas 88

Evento escolar: patrimônio cultural e ambiental ...	88
Para pensar e agir	89
Práticas em geografia	90
O tempo histórico no ensino da geografia	90
As marcas do tempo no ensino da geografia	91
O tempo social no mundo contemporâneo	92
Para pensar e agir	93
Temas transversais	93
Oficinas de cartografia e de outras linguagens visuais: mapas históricos e ensino de geografia	94
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC	95
Aulas de geografia: o exercício da problematização em ciências humanas	95
Para pensar e agir	96
Janelas para o mundo	97
Para pensar e agir	97
Fronteiras do conhecimento: Antonio Carlos Robert Moraes e a geografia histórica	98
Para pensar e agir	99

CAPÍTULO 5 Espaço e sociedade 100

Evento escolar: a escola e a sociodiversidade	100
Para pensar e agir	101
Para pensar e agir	102
Práticas em geografia	102
Reverendo os clássicos	102
Fatos sociais e manifestações culturais: o papel da escola	104
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais: cartografia dos povos indígenas e etnogeografia	106
Para pensar e agir	107
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC: linguagem cartográfica e ensino da geografia	108
Para pensar e agir	108
Sala dos professores: escolas rurais	110

Fronteiras do conhecimento: Bernardo Mançano Fernandes e os movimentos socioterritoriais	111
Para pensar e agir	112

CAPÍTULO 6 O ensino de geografia: mídias e redes sociais 113

Evento escolar: a era da desinformação	113
Para pensar e agir	114
Práticas em geografia	115
A informação na sala de aula	115
Para pensar e agir	120
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais	120
Promoção da saúde	122
Repensando hábitos digitais	122
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC	123
Perguntas relevantes para identificar fontes confiáveis	123
Fronteiras do conhecimento: entrevista com Antonio Cesar Dominguez: a desinformação e as redes sociais	124

CAPÍTULO 7 Geografia e agenda ambiental 127

Evento escolar: bem-vindos ao Antropoceno!	127
Para pensar e agir	129
Práticas em geografia: o Antropoceno em questão	129
Para pensar e agir	133
Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais: cartografia e arte	134
Para pensar e agir	136
Promoção da saúde: saúde e ambiente	137
Para pensar e agir	138
Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC	139
Para pensar e agir	139
Janelas para o mundo	140
Para pensar e agir	141
Fronteiras do conhecimento: entrevista com Aziz Ab'Saber	142

CONHEÇA SEU LIVRO

A “Apresentação” explicita a abordagem teórica e metodológica e a estrutura da obra, considerando quatro dimensões: a de ser professor, a disciplinar, a interdisciplinar e a de avaliação. Além disso, destaca a importância da linguagem cartográfica para a geografia escolar, tendo em vista as especificidades do Ensino Médio.

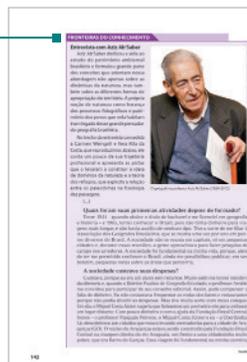


“Evento Escolar” apresenta um tema relevante para a prática docente em geografia, por meio de infográficos, gráficos, ilustrações e/ou fotografias, convidando os professores a uma reflexão prévia sobre o tema do capítulo.



“Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais” está focada na discussão da linguagem cartográfica, mas também busca introduzir novas ferramentas e procedimentos do tratamento gráfico da informação.

“Fronteiras do conhecimento” apresenta autores relevantes para os temas discutidos no capítulo, incluindo aqueles que ajudaram a construir as bases da geografia brasileira, como Bertha Becker, Milton Santos, Antonio Carlos Robert Moraes e Aziz Ab'Saber.

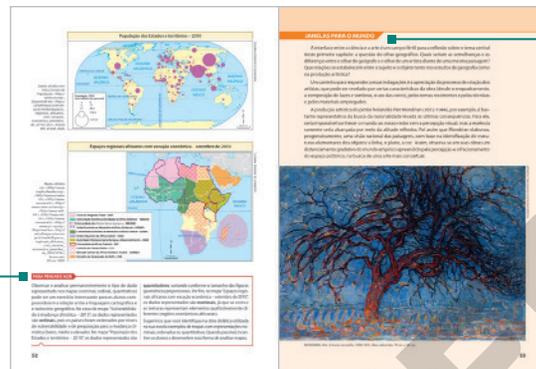


“Práticas em Geografia” apresenta situações-problema e abordagens que visam auxiliar o professor em seu trabalho cotidiano. Embora focada na dimensão disciplinar, a seção aponta caminhos para a integração de saberes, especialmente com a história, a filosofia e a sociologia.

“Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC” relaciona os conteúdos e as estratégias de cada um dos capítulos com competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



“Para pensar e agir”, seção distribuída pelos capítulos, apresenta atividades e/ou vivências que destacam diferentes dimensões do trabalho docente, permitindo reflexão e avaliação de resultados.



“Janelas para o mundo” explora os temas do capítulo por meio de outras linguagens e visões de mundo – por exemplo, aquelas oferecidas pela arte.



“Promoção da saúde” traz discussões importantes no campo da saúde física e mental dos professores e dos estudantes, incluindo a relação entre a saúde coletiva e o meio ambiente.

“Sala dos professores” compartilha experiências docentes e projeto de vida de alguns professores.



“Temas transversais” fortalece a dimensão interdisciplinar, trazendo textos complementares relevantes e ampliando a discussão proposta.

■ Carta ao professor

Ao colega professor de geografia

Estamos vivendo um momento crucial na nossa trajetória de educadores. No novo desenho do Ensino Médio, somos convidados a, ao mesmo tempo, estabelecer um diálogo mais efetivo com o conjunto das disciplinas de ciências humanas, a afirmar a importância do instrumental teórico e analítico da geografia na construção das competências e habilidades selecionadas para esse ciclo e a valorizar o protagonismo dos nossos estudantes. Isso exige de nós, professores, a capacidade de mobilizar o edifício conceitual da nossa disciplina para produzir olhar sensível e atento sobre as mudanças em curso no mundo contemporâneo. Em outras palavras, é preciso construir um raciocínio geográfico capaz de conectar a nossa prática pedagógica às nossas aspirações como cidadãos e educadores.

Esta obra pretende contribuir para o enfrentamento desse desafio. Ela foi desenvolvida como um material de apoio para facilitar a interação do conhecimento do professor com as discussões mais recentes da comunidade científica geográfica, de acordo com o calendário escolar. Alguns dos nomes mais importantes da geografia mundial e, especialmente, da brasileira foram selecionados para essa tarefa de trazer a academia para a sala de aula, sempre no contexto de discussões temáticas que consideramos relevantes. Sempre que possível, são apresentadas teses científicas que explicam e justificam os diversos processos em análise, confrontando-os com as situações cotidianas vividas pelos professores do Ensino Médio brasileiro.

Com base nessa proposta desafiadora, a obra também tem como objetivo oferecer um suporte pedagógico para que o professor de geografia exerça o seu papel de formador dos fundamentos científicos da disciplina, considerando-a na perspectiva interdisciplinar e como parte da área de ciências humanas, responsável pela formação ética e cidadã dos estudantes. Para isso, a obra deve oferecer ao mesmo tempo um roteiro de autoavaliação do professor acerca do seu processo de formação permanente e parâmetros de avaliação do ensino-aprendizagem para os alunos.

Somos educadores, e isso faz parte de nossa identidade. Refletir sobre a nossa prática pedagógica é também refletir sobre nossos sonhos, nossas aspirações e nosso papel no conjunto da vida social. No caso da geografia, a dimensão espacial da sociedade é nossa matéria-prima essencial, e acreditamos firmemente que é possível, por meio dela, instigar a nossa curiosidade e a dos nossos alunos para os grandes dilemas que se apresentam no mundo contemporâneo e nos posicionar diante deles.

Desejamos a você um bom trabalho, e esperamos poder contribuir para que isso se torne realidade.

Os autores

■ Abordagem teórico-metodológica que embasa cada dimensão

O currículo com base em competências e habilidades é uma tendência mundial e é referência das principais experiências educacionais existentes no mundo, como as da Austrália, do Canadá e da Finlândia, entre outras. Inserir a nossa prática pedagógica nessa perspectiva é nos envolver com os principais desafios educacionais da atualidade.

Que desafios são esses?

Em primeiro lugar, o trabalho com competências e habilidades está relacionado com o compromisso de uma escola para todos, inclusiva, que considera a diversidade e a diferença entre os alunos. Além disso, tem como pressuposto o profundo respeito pelos estudantes e por suas oportunidades de exercitar o direito de ter ideias diferentes das do outro, o direito de errar e aprender com os erros e de usá-los como oportunidade para aprender a pensar.

Com base em referências importantes encontradas na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), nos princípios propostos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS, Jacques *et al.*, 1998), os educadores brasileiros participaram de um intenso debate que veio definir o deslocamento das experiências curriculares, até então centradas no ensino, para o currículo centrado na aprendizagem. A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2018) é o documento que sintetiza os princípios norteadores dessa abordagem curricular. De acordo com suas referências, as experiências de ensino-aprendizagem têm como objetivo a educação dos aprendizes para maior flexibilidade de pontos de vista, bem como a criação de oportunidades para que eles desenvolvam a capacidade de avaliar questões que envolvem valores éticos, criatividade e espírito inventivo. Assim, o uso de novas tecnologias deve ser relacionado a processos mais amplos de construção da leitura de mundo e de problematização dos conteúdos da vida social, desencadeando novas formas de pensar, novas formas de perguntar pelos fatos e de duvidar deles.

Um segundo grande desafio é a abordagem dos conhecimentos com base na complexidade e flexibilidade do pensamento. Assim, o que se propõe para os educadores é a elaboração e a implantação de projetos pedagógicos que respeitem a diversidade cultural e os valores específicos de cada comunidade. Isso aponta para a necessidade de trazer para a experiência curricular todas as formas de conhecimento, agrupadas e reagrupadas em disciplinas específicas ou em projetos de vida, programas e atividades que superem a fragmentação disciplinar. O deslocamento do currículo centrado no ensino para o currículo centrado na aprendizagem significou um grande avanço na democratização da educação brasileira. Porém, a garantia do direito à educação não passa apenas pela universalização do acesso à escola, mas pela mudança na relação com o conhecimento.

Dentro desse paradigma curricular, estaria em curso uma profunda mudança no papel do professor. No novo contexto de ensino-aprendizagem, o professor deve ser considerado o orientador e o mediador da construção do conhecimento pelo aprendiz. Ele deve procurar sistematizar e organizar os conceitos científicos para a linguagem do educando, respeitando o seu momento de aprendizagem. Além disso, para propiciar a socialização do conhecimento entre os alunos, o professor deve garantir um ambiente de oportunidades equânimes para falar, pensar e agir. Isso exige, por um lado, familiaridade com os problemas e as questões da nossa época e, por outro lado, ousadia no planejamento das atividades didáticas. Esses são elementos fundamentais para despertar nos aprendizes a inquietação e, ao mesmo tempo, a segurança diante de novos conhecimentos.

Por fim, um terceiro grande desafio é contribuir para ampliar o papel da escola além das informações relevantes que disponibiliza ou favorece aos estudantes, em dois sentidos relacionados: a formação do cidadão ativo e crítico e a formação e o desenvolvimento de formas e estratégias de pensamento desse sujeito crítico. Para isso, é preciso criar oportunidades no ambiente escolar para que o jovem desenvolva sua capacidade de avaliar questões com base em seus próprios valores, manipulando dados e informações de forma metódica, dinâmica e em uma visão prospectiva. O ponto de partida e o de chegada não são os conteúdos das disciplinas, mas as capacidades de aprender dos alunos, com uma visão integrada e interdisciplinar dos conhecimentos trabalhados em sala de aula.

Que habilidades são essas que envolvem as experiências escolares? Não se trata de habilidades mecânicas, mas daquelas relacionadas com a resolução de problemas e a elaboração de conceitos, o que não se desenvolve apenas na leitura de um capítulo do livro didático ou por meio da exposição desses pressupostos pelo professor. Trata-se de um longo percurso de aprendizagem, que tem seu início nos primeiros anos escolares e seu coroamento nas experiências a serem desenvolvidas pelos alunos, com a orientação do professor, no decorrer do Ensino Médio.

Ao aprender a pensar o mundo com base nos conceitos, os alunos se apropriam do conhecimento científico para formular suas próprias hipóteses e aplicar os métodos de investigação para encontrar respostas às questões que os inquietam, ou seja, realçando a problematidade da questão. Assim, valorizamos o problema como algo que ganha sentido singular com o trabalho de discussão, sistematização e análise de dados da realidade. É nesse movimento de busca dos nexos entre as realidades sentida e pensada que os alunos se transformam em problematizadores.

Por isso, discutir a formação de professores exige a compreensão da relação entre as habilidades e as competências. É essa relação que nos permite verificar quais são, de fato, os aprendizados significativos que nossas escolas proporcionam aos estudantes brasileiros.

Em vista de tais desafios, apresentaremos a seguir os pressupostos teóricos e metodológicos que embasam a presente obra, considerando quatro dimensões fundamentais:

- a dimensão ser professor, que envolve o conhecimento de si e a reflexão do seu próprio projeto de vida enquanto educador;
- a dimensão disciplinar, que considera os fundamentos do conhecimento específico da geografia e sua interação com outras disciplinas;
- a dimensão interdisciplinar, situando o desafio do trabalho do professor de geografia na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
- a dimensão avaliação, que envolve o repensar do processo de avaliação no contexto de mudanças em curso no Ensino Médio brasileiro.

Dimensão ser professor

Nossa atuação como professores não exige apenas o domínio conceitual, mas também o nosso posicionamento crítico diante de muitas inquietações que acompanham a existência humana. Para atender a esse tipo de preocupação, a presente obra foi planejada visando criar condições para que o professor perceba, mediante a observação e a reflexão de situações do cotidiano escolar do qual faz parte, como as sociedades se estruturam e de que modo estabelecem as mais diversas formas de interação. Para isso, a obra valoriza as mais diferentes linguagens e redes de saberes.

Por isso, a obra considera fundamental possibilitar que sentimentos e sensações de cada professor diante de suas descobertas sejam usados como ferramenta de percepção da realidade. Assim, a partir de situações-problema, no decorrer dos capítulos, os professores são convidados a mobilizar os conhecimentos adquiridos na elaboração de soluções baseadas em uma perspectiva ética e cidadã. Dessa maneira, esperamos que a dimensão ser professor

seja valorizada, uma vez que a discussão proposta no decorrer da obra envolve a observação, o reconhecimento e a sensibilização, considerando a análise de textos, imagens, mapas ou informações técnicas que desafiam o ensino de geografia na Educação Básica brasileira.

Enfim, a obra envolve questionamentos, dúvidas e curiosidades por parte do professor, complementando de forma ativa as informações contidas no texto. Para isso, são propostos inúmeros desafios para reflexão a respeito da prática pedagógica do professor, com base em diversas fontes, como atlas históricos e geográficos, arquivos de revistas e jornais, acervo iconográfico, entre outros. Nesse sentido, os conceitos trabalhados na obra articulam-se com um processo mais amplo de construção de leitura e problematização do mundo, que, em última análise, constitui e solidifica as bases da nossa formação permanente como professores. Consideramos fundamental que essas aprendizagens contribuam para o aprimoramento pessoal de cada um de nós, com relação tanto aos ensinamentos vinculados diretamente às aprendizagens da disciplina, quanto àqueles responsáveis por forjar as bases éticas que conduzem nossos projetos de vida como professores.

Dimensão disciplinar

Esta obra foi planejada para apoiar o professor em seu processo permanente de formação para a docência em um contexto escolar em transformação. Tendo em vista a reforma do Ensino Médio em fase de implementação no Brasil, é certo que nós, professores de geografia, além de prosseguir com a tarefa de transformar a geografia escolar em uma ferramenta de análise e de intervenção sobre as dinâmicas espaciais, estamos sendo convidados a estabelecer um diálogo com as demais disciplinas e a atuar pelo protagonismo dos jovens inseridos na educação formal.

Como nos adaptar a essas novas situações? Qual é a contribuição da temática geográfica para o enriquecimento dessas novas experiências pessoais, tanto dos professores quanto dos alunos?

Para não nos perdermos nesse processo de mudanças, acreditamos que o eixo condutor central de nossa formação deva ser o domínio do campo conceitual. Cabe ao professor familiarizar-se com os problemas e as questões da disciplina, atualizar-se periodicamente em relação a eles e, embasado na leitura da realidade propiciada pela ciência geográfica, ousar no planejamento das atividades didáticas. São esses os elementos fundamentais que podem despertar nos alunos a inquietação e, ao mesmo tempo, a segurança diante de novos conhecimentos, ampliando o seu repertório da leitura e da escrita. Afinal, a leitura não deve ser entendida como um exercício mecânico ou um processo de mera recepção das ideias produzidas pelo autor. Ao contrário, deve ser um processo ativo e criativo, em que autor e leitor interagem para produzir significados.

Uma importante referência teórica de nossa proposta é a obra do geógrafo Milton Santos. Segundo ele, mais do que delimitar um objeto geográfico específico, o importante é estabelecer uma maneira de pensar o mundo do ponto de vista da geografia. Para examinar as relações entre a totalidade-mundo e a vida nos diferentes lugares, o ponto de partida do raciocínio geográfico é a reflexão sobre os eventos, geográficos, definidos como os fatos que acontecem nas diferentes localidades em interação com outros fatos locais, regionais e globais. Assim, as coisas, os fatos e os eventos ocorrem e existem dentro de relações de dependência de diversas ordens. Determinado elo entre elementos pode ser de subordinação; em outros contextos, os mesmos elementos podem manter relações de complementaridade. Não há como pensar o espaço sem

a sua relação com o tempo. Da mesma maneira, a produção do espaço social envolve dimensões políticas e econômicas, tornando absolutamente necessário compreender a geografia em sua interface com disciplinas afins, como a história, a sociologia e a filosofia.

Outros geógrafos importantes, como Doreen Massey, Aziz Ab'Saber, Bertha Becker e Antonio Carlos Robert Moraes, também oferecem valiosos subsídios teóricos no planejamento e na elaboração dos conteúdos abordados na obra.

Tal como Milton Santos, Doreen Massey (2008) não vê o espaço como algo dado, mas como construção humana. Para essa geógrafa britânica, é fundamental compreender as formas de representação do espaço, uma vez que o modo como o representamos afeta a maneira como agimos e interpretamos o mundo. Isso não seria possível sem levarmos em conta a análise dos espaços percebidos e imaginados pelos sujeitos, o que aponta para a necessidade de abordar as estratégias de sobrevivência de diversos atores sociais na disputa pelo poder ou no processo de elaboração do entendimento das mudanças que estão ocorrendo na vida das pessoas e nas práticas humanas.

Aziz Ab'Saber, por sua vez, desvendou os processos constitutivos das diferentes paisagens naturais brasileiras, introduzindo um olhar sobre a gênese dos domínios de natureza do Brasil que considera os aspectos fisiográficos e biológicos herdados das alterações climáticas que marcaram o período do Pleistoceno. A teoria dos redutos, para além de sua riqueza interpretativa e de sua importância como base na formulação de políticas territoriais voltadas à conservação da biodiversidade no Brasil, é um exemplo da importância da aplicação do raciocínio geográfico para desvendar processos de natureza e do desastre que resulta do planejamento territorial sem a necessária noção de escala, como ocorreu na Amazônia brasileira.

Sobre a Amazônia, a geógrafa Bertha Becker deixou um legado inestimável, sobretudo ao apontar a importância do uso sustentável dos produtos florestais, por meio de cadeias produtivas estruturadas em torno da rede de cidades e fundadas em diferentes biotecnologias como estratégias de conservação do coração florestal.

Para o geógrafo Antonio Carlos Robert Moraes, a formação territorial da América Portuguesa é marcada pela ideia de conquista e apropriação de imensos "fundos territoriais". A unidade política dos territórios coloniais portugueses, por exemplo, foi consolidada no processo de apropriação e valorização desses fundos, que permaneceram como elemento estruturador do Brasil pós-independência.

O nosso campo disciplinar é fértil e vigoroso e produziu interpretações valiosas sobre dinâmicas espaciais que ocorrem em diferentes escalas e sobre as múltiplas relações entre essas escalas. Tendo por referência esses e outros grandes geógrafos, cabe perguntar: de que forma ocorre a análise geográfica em tais perspectivas?

É preciso desenvolver uma forma de raciocínio que envolva a análise de eventos geográficos, a conexão entre esses fenômenos que ocorrem em diferentes lugares e suas articulações com processos que acontecem em diversas escalas de espaço e tempo. Para isso, com base em autores clássicos da geografia (Paul Vidal de La Blache, Max Sorre, Jean Brunhes), o ponto de partida é a identificação dos eventos geográficos mais relevantes em que os problemas são socialmente produzidos – ou seja, o estudo da geografia por meio da análise de eventos faz parte do processo de ensino-aprendizagem centrado na problematização da realidade concreta. Essa perspectiva vai ao encontro da necessidade de nos formarmos permanentemente como professores com senso crítico, capazes de elaborar de forma própria o saber geográfico em suas interfaces com as outras disciplinas das ciências humanas. Para isso, precisamos nos estimular a adotar uma constante atitude reflexiva e investigativa, que envolva a observação e o reconhecimento de fatos relevantes no dia a dia da escola, assim como a sensibilização e o entendimento do modo como esses eventos compõem diferentes situações geográficas por meio da análise de textos, de dados estatísticos e informações técnicas elaboradas por especialistas de diferentes campos da geografia e áreas afins.

Dimensão interdisciplinar

Em um planeta cada vez mais urbanizado e que impõe mudanças culturais sem precedentes na história, cada um participa desse movimento por meio de vínculos que estabelece entre os campos cognitivo, afetivo, estético e ético. A compreensão dessa realidade multifacetada não tem sido tarefa fácil. As ciências humanas têm respondido a esse desafio constituindo-se em uma espécie de filosofia da técnica e da linguagem técnica. Entende-se a tecnologia não apenas sob o ponto de vista da ciência aplicada ao processo produtivo, mas reconhece-se nela o sujeito, que não é um ser mudo, privado de palavra. Pelo contrário, qualquer tecnologia é impregnada de um discurso endereçado a alguém que se enquadra numa trama complexa e tensa com outros interlocutores, o que reforça a influência de forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão desse discurso, no qual o sujeito tem um papel ativo (BAKHTIN, 1997). Afinal, o meio técnico-científico guarda em si as experiências intersubjetivas e a comunicação de ideias, valores e formas de comportamento entre pessoas, quer seja nas tecnologias aplicadas a processos de obtenção e organização de informações (o tratamento digital de dados estatísticos, o geoprocessamento, as pesquisas de opinião), quer seja nas tecnologias utilizadas nos bancos eletrônicos, nas bibliotecas virtuais e em outras situações que permeiam a vida cotidiana.

Isso exige a percepção de diferentes situações sociais em que os sujeitos estão inseridos. Para tal, a presente obra utiliza-se de dois eixos organizadores dos conteúdos distribuídos pelos capítulos para proporcionar uma visão da geografia a partir da perspectiva interdisciplinar: a contextualização e a situação-problema.

No que se refere à contextualização, a obra tem como pressuposto que os conteúdos aprendidos devem estar a serviço da inteligência e do resgate dos sentidos e significados humanos presentes nos conteúdos escolares. Os da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas estabelecem a contextualização à medida que possibilitam o recorte espaço-temporal no qual os eventos socioculturais, econômicos, políticos ou ambientais ganham sentido, refazendo as teias de relações das nossas tradições e raízes culturais e da memória coletiva.

A situação-problema é outro eixo estruturador da obra. O exercício da problematização resgata a capacidade de inquietar-se, primeira condição para o movimento no sentido da aprendizagem significativa. Somam-se a ela as capacidades de entender questões e de adequar-se e de fazer uso das condições oferecidas para a busca de respostas. Essa tríade começa a aproximar o ensino das necessidades de compreensão do real, próprias do ser humano. A inquietação promove o envolvimento, o entendimento, a mobilidade do pensar, e, por fim, a adequação e o uso das condições garantem o lançar-se em direção a conteúdos, pessoas, objetos etc.

No caso das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a situação-problema está presente em questões que permitem desafiar os estudantes e os professores diante de um mundo complexo com todos os seus aspectos de ordem, ruptura, contradições, conflitos, complementaridades e inter-relações. Isso não pode ser alcançado sem colocar o raciocínio em movimento, exercitando competências cognitivas no domínio das linguagens e na capacidade de expressão do pensamento lógico, demonstrando autonomia de julgamento e de ação, nos setores pessoal e existencial.

Tendo esses dois eixos estruturadores articulados, a obra favorece a perspectiva interdisciplinar, uma vez que as questões e os temas centrais desenvolvidos nos capítulos proporcionam a articulação de aspectos da vida escolar com os processos sociais mais amplos,

por meio da busca de relações entre conteúdos que se unem a várias disciplinas, como a geografia, a história, a sociologia e a filosofia.

Entendemos que uma obra destinada à nossa formação permanente como professores deva procurar a valorização do estudo da diversidade cultural e da construção de identidades coletivas. Afinal, em consonância com os novos rumos do próprio conhecimento científico, mais preocupado com a diversidade e a flexibilidade do pensamento, o que se propõe para os educadores é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural e os valores específicos de cada comunidade, assim como a formação de uma visão integrada dos diferentes campos do saber.

Assim, visando a valorização da integração da geografia com outros componentes curriculares, especialmente das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sempre que possível foram priorizados temas e reflexões que enfocam explicitamente questões relacionadas à construção da cidadania, a valores éticos, ao meio ambiente, à diversidade étnica, entre outros, temas que foram destacados no decorrer do texto, que favoreçam a compreensão integrada de fenômenos naturais e sociais.

Dimensão avaliação

A consideração do sujeito-aprendiz como parte central do processo de avaliação é o principal alvo da reforma do Ensino Médio no Brasil. Contudo, é preciso encontrar respostas para as questões que envolvem essa postura teórica no cotidiano de cada escola.

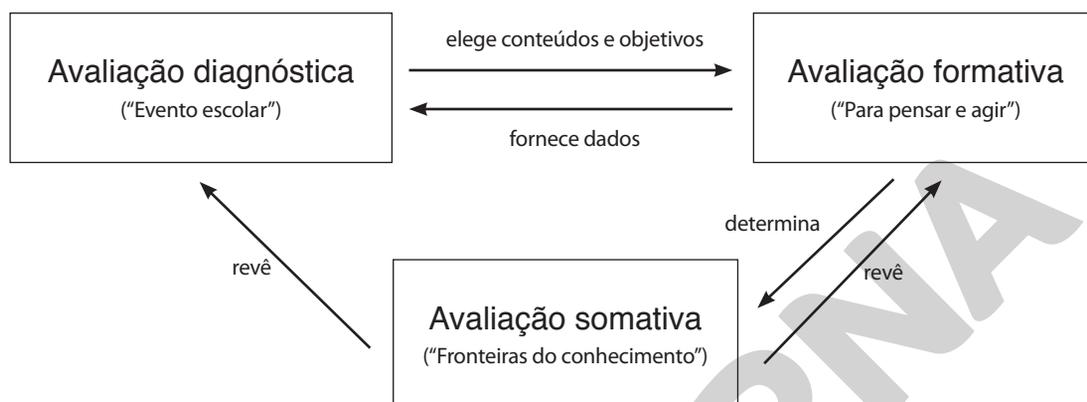
Algumas tendências externas ao sistema escolar incluíram como parte do processo avaliativo o foco nas competências e habilidades. O termo “competência” esteve por muito tempo associado ao trabalho orientado por objetivos. No âmbito desses estudos, destacam-se as metodologias dirigidas e as competências específicas que se organizavam em classificações crescentes. A taxonomia de Bloom é um exemplo dessa noção de competência. No fim da década de 1950, essas taxonomias foram orientadoras do trabalho pedagógico, porém excessivamente voltadas à segmentação técnica de processos mentais que não atendiam às demandas cognitivas mais gerais. Na chamada sociedade pós-industrial, a educação ganhou novos contornos. Não basta ser letrado, é necessário ser um alfabetizado digital. Não basta conhecer uma função do sistema produtivo, é necessário saber trabalhar em grupo e responder prontamente às demandas de tecnologias que se colocam a serviço da produção e do consumo (FERRAZ; BELHOT, 2010).

A presente obra contempla essas transformações recentes, oferecendo suporte para que o professor se autoavalie e avalie o trabalho desenvolvido com base na capacidade dos alunos para agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiados em conhecimentos científicos, mas sem se limitar a eles (PERRENOUD, 1999).

A avaliação é um processo contínuo e sistemático que visa verificar em que medida os objetivos pedagógicos estão sendo atingidos. É prerrogativa do professor, que planejou sua proposta de ensino e conhece os limites e as possibilidades de seus alunos. Os estudantes, por sua vez, podem participar ativamente da avaliação, se forem convidados a refletir a respeito de seus avanços no processo de aprendizagem e da qualidade do trabalho coletivo.

A presente obra, por se tratar de um material de apoio ao professor, apresenta uma série de atividades que podem auxiliar no processo de avaliação. Na abertura de capítulo, denominada “Evento escolar”, o professor poderá realizar uma **avaliação diagnóstica**, uma vez que terá a oportunidade de contextualizar o tema a ser abordado no cotidiano da escola, considerando também o repertório e as dificuldades dos estudantes diante de temas desafiadores para a educação brasileira. As atividades distribuídas ao longo dos capítulos, agrupadas na seção “Para pensar e agir”, possibilitam a **avaliação formativa**, a partir da qual professores e alunos

podem rever seus resultados e superar suas dificuldades, seus bloqueios e suas lacunas de conhecimento. Elas também fornecem dados que confirmam ou não a avaliação diagnóstica, que deve ser levada em conta ao longo de todo o processo. Por fim, os questionamentos presentes na seção “Fronteiras do conhecimento” fornecem subsídios para a análise do que foi aprendido, bem como para o levantamento de aspectos que precisam ser reforçados na avaliação diagnóstica e na avaliação formativa.



■ Estrutura da obra

Cada capítulo apresenta as seguintes seções: Evento escolar, Práticas em geografia, Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais, Sugestões de atividades formativas e avaliativas dos alunos e Fronteiras do conhecimento. Dependendo do tema do capítulo, também foram planejadas quatro outras seções: “Janelas para o mundo”, “Temas transversais”, “Promoção da saúde” e “Sala dos professores”.

Evento escolar

A partir da leitura de infográficos, mapas temáticos e outros recursos visuais, dispostos em duas páginas espelhadas, os professores são estimulados à análise de eventos relevantes que marcam o calendário escolar e que servirão de ponto de partida para a reflexão sobre um tema de interesse geográfico que é abordado no capítulo. Assim, o professor tem a oportunidade de relacionar situações cotidianas do ambiente escolar e o repertório sobre os assuntos que serão analisados. Essa abertura de capítulo deve permitir que o professor reflita livremente sobre as ideias, contribuindo para o seu interesse pela leitura.

Em cada capítulo, essa seção favorece a visão integral de três dimensões da proposta: a dimensão ser professor, ao propor situações-problema ou oferecer informações relevantes da temática da geografia para o professor refletir sobre sua prática cotidiana na escola; e as dimensões disciplinar e interdisciplinar, ao favorecer a análise da interação entre elas, dependendo do conteúdo que será abordado.

Práticas em geografia

Nessa seção, o professor é desafiado a refletir sobre diferentes experiências curriculares. Para isso, são discutidos variados conteúdos da geografia que são utilizados em sala de aula, para o posicionamento diante de situações-problema que merecem a intervenção do professor. Por causa disso, o foco central dessa seção é a dimensão disciplinar. Quando é o caso, a problematização do conteúdo aponta caminhos para a integração de saberes de diferentes áreas do conhecimento, especialmente das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais

O objetivo dessa seção é aprofundar a conversa entre professores acerca do uso da cartografia e de outras linguagens visuais no processo de ensino-aprendizagem do Ensino Médio. O desafio não é apenas utilizar os mapas e gráficos para a representação da informação geográfica, mas ampliar o repertório das ferramentas e dos procedimentos do tratamento gráfico da informação para uma compreensão mais aprofundada do conhecimento geográfico. Assim, o professor tem a oportunidade de refletir acerca da importância do uso de diferentes representações cartográficas (croquis, blocos-diagramas, gráficos, cartogramas), mas também das artes plásticas e da pintura.

Dadas essas características, a seção é importante para a dimensão disciplinar, mas também para favorecer a leitura da dimensão interdisciplinar e apontar caminhos para a diversificação do processo de avaliação.

Sugestões de atividades formativas e avaliativas dos alunos

Nessa seção, propomos desenvolver, progressivamente, uma reflexão sobre as experiências do professor, tanto em sua formação como docente, quanto no trabalho realizado com seus alunos. Para isso, os conhecimentos mobilizados pelo professor no decorrer da leitura da obra são relacionados com competências e habilidades previstas na *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Além disso, sempre que possível, são apresentadas alternativas de abordagem e sugestões de instrumentos de autoavaliação e de avaliação, reforçando a dimensão avaliação, conforme foi planejado na obra.

Fronteiras do conhecimento

Nessa seção, o professor entrará em contato com o pensamento de pesquisadores que tratam do tema do capítulo, sejam eles do campo da geografia ou de áreas afins. A ideia é colocar o professor diante dos desafios que esses pensadores se propuseram para desenvolver o conhecimento na perspectiva das ciências humanas, mas também na sua interface com a filosofia e a arte. É uma seção que fortalece a dimensão disciplinar e também a dimensão interdisciplinar.

Janelas para o mundo

Trata-se de uma seção prevista para reforçar, principalmente, a dimensão interdisciplinar, uma vez que estabelece um diálogo entre a forma de olhar o mundo pelo conhecimento geográfico e outras formas de olhar, como a das artes plásticas e a do filtro da imagem de satélite. Dependendo do capítulo, a seção também fortalece a dimensão ser professor porque aguça o olhar do leitor para a realidade com base na perspectiva artística ou técnica.

Temas transversais

Essa é uma seção planejada para o aprofundamento do tema do capítulo com base em obras de referência em disciplinas afins, como a filosofia, a sociologia e a história. Dessa maneira, a seção fortalece ainda mais a dimensão interdisciplinar prevista para esta obra.

Promoção da saúde

Nessa seção, presente nos capítulos 2, 6 e 7, são discutidas informações, sugestões e orientações para que o professor desenvolva seu próprio **projeto de vida**, considerando o conhecimento de si próprio, os limites do corpo e as práticas saudáveis para a promoção da saúde no decorrer do trabalho docente (alimentação adequada, aproveitamento do tempo livre, promoção da saúde mental e da saúde ambiental). Por isso, é uma seção planejada para fortalecer a dimensão ser professor.

Sala dos professores

Nessa seção, presente nos capítulos 1 e 5, são apresentadas **histórias de vida** e experiências de diferentes professores do Ensino Médio brasileiro, como uma forma de convite para uma reflexão acerca de situações concretas vividas no cotidiano escolar, reforçando a dimensão ser professor.

■ Atividades e/ou vivências a serem realizadas em cada dimensão

No decorrer das seções que dividem cada capítulo, ganham destaque as atividades ou vivências na seção denominada “Para pensar e agir”. Visando contextualizar e problematizar os conteúdos tratados nos capítulos, essa seção pode mobilizar diferentes dimensões do trabalho docente, conforme planejado na obra: dimensão ser professor, dimensão disciplinar, dimensão interdisciplinar e dimensão avaliação. Veja, nos quadros a seguir, quais são os objetivos desenvolvidos em cada uma dessas atividades, bem como a justificativa da pertinência desses objetivos e o detalhamento dos procedimentos e materiais necessários para executar as atividades.

Evento escolar

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 2 Exclusão, atraso e abandono	1. Dimensão ser professor 1.1. Reconhecer a força de agir coletivamente para avaliar problemas que existem na escola. 1.2. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida escolar e comunitária, enfrentando temas relevantes, como a evasão e o abandono escolar. 1.3. Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades do trabalho escolar.	Nessa abertura de capítulo, o professor tem disponíveis dados do censo escolar, o que possibilita identificar características dos estudantes brasileiros do Ensino Médio, assim como situar sua unidade escolar nesse contexto.	Procedimentos: análise e comparação de gráficos. Material necessário: abertura do capítulo 2. Tempo para execução: 20 minutos.
Capítulo 3 As escalas do urbano	1. Dimensão ser professor 1.1. Refletir e dialogar sobre as diferentes escalas do urbano, tornando-as compreensíveis para os estudantes a partir da realidade da escola. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Conhecer como se estruturam as diferentes escalas do urbano no Brasil. 3. Dimensão avaliação 3.1. Utilizar estratégias avaliativas que permitam comunicar os avanços e as dificuldades dos estudantes no estudo da rede e da hierarquia urbanas no Brasil.	O capítulo começa com uma problematização a respeito da diversidade de experiências urbanas existentes no Brasil. Nesse questionamento, considera-se a necessidade de situar a realidade da escola diante do fenômeno urbano.	Procedimentos: sugere-se que o professor organize uma aula dialogada, ouvindo dos alunos a compreensão que eles têm da vida urbana. Que exemplos a turma teria a respeito da conexão das atividades da escola com o seu entorno e com as áreas urbanas mais próximas? Essas informações obtidas em sala de aula devem ser registradas em um caderno de notas para serem utilizadas em outras aulas. Material necessário: caderno de notas. Tempo para execução: 1 aula.

Continua

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 4 Patrimônio cultural e ambiental	1. Dimensão ser professor 1.1. Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Analisar de que modo e em quais momentos do ano letivo é estudada a relação da sociedade com a natureza.	A abertura do capítulo apresenta um infográfico e convida o professor a observá-lo, extraindo informações e estabelecendo relações que podem ser utilizadas em sala de aula com os alunos. A proposta de identificação de momentos do planejamento escolar em que o tema é trabalhado e pode ser revisto é uma oportunidade para o professor estabelecer novas metas estratégicas.	Procedimento: reflexão pessoal sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula. Material necessário: plano de ensino, livro didático. Tempo para execução: livre.
Capítulo 5 O socioambientalismo	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar os próprios interesses e as próprias necessidades no âmbito escolar e fora dele, considerando o debate acerca do socioambientalismo. 1.2. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida escolar e comunitária, relacionando o planejamento de ensino com a preservação da multiplicidade étnica e cultural do Brasil. 2. Dimensão avaliação 2.1. Utilizar estratégias avaliativas que permitam identificar e comunicar os avanços e as dificuldades de todos os estudantes diante das questões étnicas e culturais. 2.2. Acompanhar, sistematicamente, o processo de aprendizagem dos estudantes, para replanejar as ações de ensino a partir da realidade da escola.	A atividade estimula o professor a pensar a respeito dos princípios do socioambientalismo. Convida-o a analisar seu planejamento escolar, visando a identificação de momentos do ano escolar em que essa temática pode ser explorada nas aulas de geografia.	Procedimento: reflexão pessoal do professor sobre a sua prática pedagógica. Material necessário: o planejamento escolar. Tempo para execução: livre.
Capítulo 6 A era da desinformação	1. Dimensão disciplinar 1.1. Conhecer como se estruturam as informações do ciberespaço. 1.2. Propor diferentes estratégias de ensino e atividades adequadas para reflexão sobre o ciberespaço. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estabelecer relações entre os objetos geográficos e as informações veiculadas na internet.	A atividade propõe uma reflexão sobre o uso das redes sociais pelos alunos e pelos professores. Por meio de uma roda de conversa, espera-se que o grupo possa analisar o impacto de notícias falsas na vida das pessoas e o uso de ferramentas de checagem da veracidade das informações para uma “navegação” nas redes de forma mais responsável.	Procedimentos: o professor deve solicitar aos alunos que naveguem e explorem as informações existentes nas agências de checagem. De posse dessa análise, pode-se organizar uma roda de conversa para análise de “memes” e <i>fake news</i> . A partir dos resultados da conversa, a turma pode ser desafiada a gerar conteúdos sobre o tema para as redes sociais. Material necessário: <i>links</i> para agências de checagem de notícias. Tempo para execução: 2 aulas.

Continuação

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 7 O Antropoceno	1. Dimensão disciplinar 1.1. Identificar diferentes estratégias de ensino e atividades adequadas para pensar os processos naturais e sociais de forma integrada, promovendo o protagonismo juvenil. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Refletir sobre as diferentes maneiras de correlacionar os estudos dos processos naturais e sociais de forma integrada e em parceria com o movimento ambientalista e ações da sociedade civil.	A atividade levanta questões para a reflexão do professor a respeito dos rumos do ensino de geografia neste período de grandes mudanças ambientais. Ressalta também a perspectiva interdisciplinar porque levanta a questão a respeito da adequação da agenda dos movimentos ambientalistas diante da realidade do período Antropoceno. Não há respostas definitivas para tais indagações.	Procedimentos: autorreflexão do professor a respeito da importância da temática ambiental em seu planejamento escolar. Material necessário: o capítulo 7 do livro e o planejamento de ensino. Tempo para execução: livre.

Práticas em geografia

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 Documento "Martírio" Sarau de poesia	1. Dimensão disciplinar 1.1. Aplicar conceitos geográficos para analisar a luta indígena pelo reconhecimento de suas terras. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estabelecer relações entre conhecimentos geográficos acerca da vida comunitária dos Guaranis e o conceito de direito territorial. 3. Dimensão ser professor 3.1. Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções diante da poesia e de outros gêneros literários de interesse para a geografia. 3.2. Agir com empatia, compreendendo as necessidades e os sentimentos dos estudantes diante de textos de gêneros literários. 4. Dimensão disciplinar 4.1. Refletir e dialogar sobre as diferentes maneiras de representar conceitos da geografia, tornando-os compreensíveis para os estudantes. 5. Dimensão interdisciplinar 5.1. Estabelecer relações entre os conceitos da geografia com o conhecimento de áreas afins.	As informações sobre as terras Guarani-Kaiowá são de extrema relevância para o aprofundamento dos conceitos geográficos, especialmente o conceito de território. A atividade proposta favorece, antes de mais nada, a apreciação artística. Essa possibilidade é uma oportunidade de valorização da dimensão ser professor e de empatia com os alunos, uma vez que viabiliza o diálogo. Ao analisar o uso da linguagem figurada, abre-se a oportunidade de aplicação dos conhecimentos geográficos em uma perspectiva geográfica. Ao falar do Tejo, principal rio de Portugal, o poeta faz, de fato, uma reflexão acerca do lugar dele no mundo a partir do seu espaço próximo de vivência. Assim, estar ao lado do rio de sua aldeia é a garantia do sentimento de pertencimento ao mundo.	Procedimentos: caso seja possível compartilhar o videodocumentário com os estudantes, seria muito estimulante favorecer o debate e a discussão entre eles, que devem ser incentivados a se expressar livremente. Material necessário: videodocumentário e equipamento de multimídia. Tempo para execução: 1 aula. Procedimentos: caso seja possível desenvolver essa atividade em sala de aula, sugere-se que a turma faça uma leitura em voz alta. É interessante explorar a sonoridade e o ritmo do poema. Em seguida, pode-se proceder a uma aula dialogada, deixando os estudantes se manifestarem livremente sobre as impressões do texto. Depois, o professor pode desafiar a turma a pensar a relação do poema com conceitos discutidos em sala de aula. Material necessário: o poema. Tempo para execução: 1 aula.

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 2 Cidades educadoras	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades e alicerçar a busca da realização dos sonhos a partir do imaginário urbano presente na comunidade escolar. 1.2. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida escolar e comunitária, problematizando com os estudantes as experiências de uso do espaço público. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Refletir e dialogar sobre diferentes maneiras de ampliar as práticas territoriais da turma. 3. Dimensão interdisciplinar 3.1. Estabelecer relações entre os estudos do espaço urbano em geografia e em outras áreas afins.	A leitura dessa seção é uma oportunidade, para o professor, de reflexão a respeito dos chamados territórios educativos, procurando identificar em sua prática experiências que fortaleçam a cidadania e estimulem a democracia na escola.	Procedimentos: leitura reflexiva do texto da seção. Material necessário: o capítulo 2. Tempo para a execução: livre.
Capítulo 3 O urbano e o rural em sala de aula	1. Dimensão disciplinar 1.1. Analisar a relação entre o espaço urbano e rural a partir de representações cartográficas com base em imagens de satélite, tornando-a compreensíveis para os estudantes. 1.2. Refletir sobre diferentes maneiras de representar dados geográficos.	É uma oportunidade de refletir sobre a morfologia urbana com os estudantes, utilizando imagens de satélite extraídas do Google Earth.	Procedimentos: os estudantes devem ser desafiados a comparar morfologias urbanas em sala de aula e depois organizar painéis com formas urbanas diferenciadas. Material necessário: imagens de satélite do Google Earth. Tempo para execução: 2 aulas.
Capítulo 4 O tempo histórico no ensino da geografia	1. Dimensão ser professor 1.1. Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções diante de poesias e outros gêneros literários de interesse para a geografia. 1.2. Agir com empatia, compreendendo as necessidades e os sentimentos dos estudantes diante de textos de gêneros literários. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Identificar diferentes estratégias de ensino e atividades adequadas a cada um desses objetos para o estudo das concepções de tempo no processo de produção do espaço. 3. Dimensão interdisciplinar 3.1. Estabelecer relações entre os conceitos de tempo e espaço em geografia e de outras áreas afins.	A letra da canção <i>Luz do sol</i> trata, de maneira figurada, do ciclo de energia da natureza. O elemento de “amarração” do processo é a fotossíntese, base da cadeia alimentar. Segundo o poeta, a luz do Sol também é elo entre a atmosfera e a litosfera, por onde o rio passa, erodindo e sedimentando. Ao homem resta “ferir com a mão essa delicadeza”, provocando o impacto ambiental.	Procedimentos: sugere-se que o professor simplesmente leia a letra da canção e pense no seu significado para valorizar a dimensão ser professor, refletindo sobre as suas próprias emoções diante de gêneros literários de interesse da geografia. Caso o professor queira compartilhar a letra com os alunos, sugere-se que a leitura do texto seja feita em voz alta, na sala de aula. Os estudantes podem analisar o poema em conjunto. A atividade pode ser uma boa oportunidade para analisar o efeito do uso da linguagem figurada, aplicando os conhecimentos geográficos em uma perspectiva interdisciplinar, e valorizar a apreciação artística. Material necessário: a letra da música. Tempo para execução: 50 minutos.

Continuação

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 5 Revendo os clássicos	1. Dimensão ser professor 1.1. Conhecer-se profundamente como professor, identificando como e por que ensina e comparando a sua experiência com a de outros professores de escolas urbanas e rurais. 1.2. Olhar para o futuro das escolas brasileiras e para a importância do ensino de geografia no Brasil.	A atividade convida o professor a pensar nas diferentes experiências existentes nas escolas rurais brasileiras. O acervo indicado possibilita uma comparação da realidade do trabalho docente no Brasil.	Procedimentos: atividade de reflexão pessoal do professor. Material necessário: o capítulo 5 e <i>links</i> para referências de diferentes experiências educacionais indicadas no capítulo. Tempo para execução: livre.
Capítulo 6 A informação em sala de aula	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar os próprios interesses e as inserções nas redes sociais. 1.2. Reconhecer a importância de suas experiências pessoais e apoiar-se nelas e também no convívio e no compartilhamento dessas experiências com os estudantes.	Trata-se de uma atividade destinada à reflexão pessoal e autoavaliação do professor a respeito de suas próprias experiências nas redes sociais. Com base nessa reflexão, o professor é desafiado a identificar momentos do trabalho em sala de aula, nos quais possa dialogar com os estudantes a respeito do assunto.	Procedimentos: sugere-se que o professor faça um levantamento do histórico de sua conta pessoal nas redes sociais a respeito de temas de interesse da geografia, assim como as fontes (principais <i>sites</i> , publicações etc.) que subsidiaram as notícias veiculadas sobre esses temas. Sugere-se também que, se possível, o professor se utilize das ferramentas de checagem de informações discutidas com os alunos para verificar a consistência do material. Material necessário: <i>links</i> para as contas pessoais das redes sociais. Tempo para execução: livre.
Capítulo 7 O Antropoceno em questão	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir sobre as diferentes maneiras de representar e formular a percepção e a concepção de natureza e torná-las compreensíveis para os estudantes. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estabelecer relações entre a concepção de natureza na área de ciências humanas e a percepção da natureza na literatura.	Trata-se de mais uma atividade com a linguagem poética. É uma proposta que permite maior aproximação do professor com os alunos, aguçando a percepção coletiva a respeito da natureza.	Procedimentos: sugerem-se a leitura em voz alta do poema e o estabelecimento de um diálogo do professor com os estudantes, proporcionando uma reflexão mais livre sobre a relação da sociedade com a natureza. Material necessário: o poema de Drummond. Tempo para execução: 1 aula.

Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 Observação e análise cartográfica	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir sobre diferentes maneiras de representar dados geográficos nos mapas. 1.2. Identificar diferentes estratégias de ensino das representações cartográficas e a diversidade de mapas nas obras didáticas.	A atividade oferece subsídios para aguçar o olhar do professor para a representação cartográfica existente nos materiais didáticos utilizados em sala de aula. Identificar os tipos de mensuração (nominal, ordinal, quantitativos) pode ser uma análise útil para o desenvolvimento de uma leitura crítica da linguagem cartográfica.	Procedimentos: comparação de diferentes formas de representação cartográfica, incentivando os alunos a desenvolver esse tipo de olhar. Materiais necessários: material didático utilizado nas aulas de geografia. Tempo para execução: livre.
Capítulo 2 Cartografia e arte	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir e dialogar sobre diferentes maneiras de representação cartográfica, valorizando as formas de expressão dos estudantes. 1.2. Identificar diferentes estratégias de ensino e atividades adequadas para a representação cartográfica. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estabelecer relações entre as representações cartográficas e as artes plásticas. 3. Dimensão avaliação 3.1. Utilizar estratégias avaliativas que permitam comunicar os avanços e as dificuldades de estudantes no uso da linguagem cartográfica para expressar sentimentos e ideias.	Nessa seção, o professor tem acesso a um rico acervo de representações cartográficas artísticas. Com base nesse material, pode oferecer aos alunos a oportunidade de comparar e reconhecer a diversidade de representações cartográficas que podem ser utilizadas no estudo da geografia.	Procedimentos: sugere-se que o professor incentive os alunos a comparar diferentes tipos de representação cartográfica. Material necessário: <i>links</i> para acervo cartográfico. Tempo para execução: livre.
Capítulo 3 Hierarquia e rede urbana	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir e dialogar sobre diferentes maneiras de representação cartográfica, explorando informações de mapas de fluxo.	É uma oportunidade para explorar com os estudantes as informações representadas em mapas de fluxo.	Procedimentos: propõe-se que o professor organize uma aula dialogada e analise, com a turma, as informações que podem ser extraídas de um mapa de fluxo. Material necessário: reprodução de mapas de fluxo, que podem ser acessados no <i>site</i> do IBGE indicado na atividade. Tempo para execução: 1 aula.
Capítulo 5 A cartografia dos povos indígenas	1. Dimensão ser professor 1.1. Agir com empatia, sendo capaz de assumir a perspectiva de povos indígenas na representação cartográfica. 1.2. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida nacional e internacional, ampliando seus horizontes e perspectivas em relação à cultura indígena.	Agir com empatia é o foco da atividade. Trata-se apenas de compartilhar diferentes materiais com os alunos, com o objetivo de ampliar o repertório. O <i>Atlas indígena</i> indicado traz exemplos belíssimos de representação cartográfica em outras culturas.	Procedimento: aula dialogada, escutando a opinião dos alunos sobre diferentes tipos de mapas. Material necessário: mapas elaborados em diferentes culturas. Tempo para execução: 1 aula.

Continua

Continuação

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 7 Cartografia e arte	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar os próprios interesses e necessidades no âmbito escolar e fora dele. 1.2. Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estabelecer relações entre as representações cartográficas e as artes plásticas. 3. Dimensão avaliação 3.1. Utilizar estratégias avaliativas diversificadas para o aprendizado da cartografia temática em sua interface com outras linguagens.	A atividade proporciona ao professor a oportunidade de lidar com sua sensibilidade artística e seu repertório cultural além da área de Geografia. Consideramos muito importante o desenvolvimento da capacidade de percepção do mundo a partir da expressão artística, porque amplia a ideia de que a representação da realidade (como pretende o cartógrafo com seus mapas) é também resultado da incessante busca por uma linguagem que dê conta de representar a realidade para as pessoas que estão nela inseridas. Além da apreciação artística dos mapas apresentados no capítulo a atividade pode se transformar em uma oportunidade para interferir na perspectiva do olhar dos estudantes.	Procedimentos: sugere-se que o professor estimule a imaginação dos estudantes e abra espaço para a apreciação artística. Pode-se perguntar quem gosta da obra e por quê. É na apreciação do belo que se desenvolve o gosto artístico, e a geografia pode dar uma contribuição para esse desenvolvimento. Material necessário: reprodução colorida das obras de arte ou a projeção das obras em uma sala com equipamentos multimídia. Tempo para execução: 1 aula.

Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 Observação de paisagens	1. Dimensão disciplinar 1.1. Estruturar o aprendizado dos alunos tendo em vista os passos do raciocínio geográfico apontados na BNCC, considerando uma progressão adequada para os estudantes. 2. Dimensão avaliação 2.1. Identificar avanços e dificuldades de aprendizado dos conceitos geográficos.	A atividade é uma proposta de observação e análise da postura dos estudantes diante do exercício do raciocínio geográfico e da aplicação de conceitos da geografia para explicar situações concretas. A partir dessa análise, a atividade é também uma oportunidade para o professor refletir a respeito de ações que possam ser implementadas visando um interesse maior dos estudantes nas aulas de geografia.	Procedimentos: sugere-se que o professor observe a atitude dos alunos em sala de aula para identificar que tipo de dificuldade eles possam ter na aplicação de conceitos. É importante tomar nota, em um caderno, das atitudes que mais chamaram sua atenção. Esses registros poderão ser úteis para estabelecer estratégias de ensino que despertem mais o interesse dos estudantes. Material necessário: caderno de notas. Tempo para execução: de 3 a 4 aulas.

Continua

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
<p>Capítulo 2 Protagonismo juvenil</p>	<p>1. Dimensão ser professor</p> <p>1.1. Reconhecer a força de agir coletivamente, valorizando o papel do professor como mediador dos estudantes com o conhecimento científico.</p> <p>1.2. Agir com empatia, sendo capaz de compreender a perspectiva dos estudantes, reconhecendo habilidades adquiridas no decorrer do ano letivo (leitura e interpretação de textos, aplicação de conceitos etc.).</p> <p>2. Dimensão avaliação</p> <p>2.1. Acompanhar, sistematicamente, o processo de aprendizagem dos estudantes, identificando lideranças e o protagonismo juvenil em ações na escola para replanejar as atividades de ensino.</p>	<p>A atividade é uma oportunidade para o professor refletir sobre a metodologia problematizadora. Para isso, o professor é desafiado a pensar sobre o modo como ele próprio lida com os problemas científicos e identificar situações instigantes em sala de aula, nas quais a turma tenha sido bem participativa. É, portanto, uma atividade para o professor se autoconhecer e, ao mesmo tempo, conhecer a capacidade de suas turmas diante de questões desafiadoras.</p>	<p>Procedimentos: após a aula problematizadora, sugere-se que o professor tome nota de suas descobertas: quem são os alunos mais inquietos e problematizadores, quais os temas que geraram mais interesse.</p> <p>Material necessário: caderno ou planilha de notas.</p> <p>Tempo para execução: 1 aula.</p>
<p>Capítulo 3 Fenômeno urbano na BNCC</p>	<p>1. Dimensão ser professor</p> <p>1.1. Identificar, valorizar e fortalecer sonhos e aspirações dos estudantes em relação às vivências urbanas da turma.</p> <p>2. Dimensão disciplinar</p> <p>2.1. Dominar os conteúdos a respeito do fenômeno urbano previsto na BNCC para o Ensino Médio.</p> <p>3. Dimensão avaliação</p> <p>3.1. Acompanhar, sistematicamente, o processo de aprendizagem dos estudantes, para replanejar as ações de ensino, visando propostas de intervenção na realidade.</p>	<p>Trata-se de uma atividade autorreflexiva. O professor precisa se sentir convidado a pensar nos conteúdos e conceitos sobre o fenômeno urbano que tem trabalhado em sala de aula. Cabe também refletir acerca de quem são seus alunos, para que sugira à turma propostas de intervenção na realidade.</p>	<p>Procedimentos: atividade de reflexão pessoal do professor sobre seu planejamento de ensino e oportunidades para trabalhar com os estudantes as questões que envolvem a vida urbana.</p> <p>Material necessário: o planejamento de ensino.</p> <p>Tempo necessário: livre.</p>
<p>Capítulo 4 Problematização em ciências humanas</p>	<p>1. Dimensão ser professor</p> <p>1.1. Refletir e dialogar sobre as maneiras como se relaciona com o bem comum e com o outro (em especial, com os estudantes e demais membros da comunidade escolar).</p> <p>1.2. Reconhecer a força de agir coletivamente.</p> <p>2. Dimensão disciplinar</p> <p>2.1. Reconhecer a relação entre espaço e tempo a partir dos conhecimentos priorizados na BNCC para o Ensino Médio.</p>	<p>A atividade parte de dados populacionais das cidades brasileiras para refletir sobre os critérios de divisão dos espaços urbano e rural. A partir daí, abre-se a oportunidade para dialogar com os estudantes sobre suas próprias vivências nos espaços urbanos. Pode ser uma oportunidade para ampliar o seu conhecimento a respeito da turma.</p>	<p>Procedimentos: em uma aula dialogada, sugere-se que o professor conheça mais a turma, identificando as diferentes vivências urbanas dos alunos: lugares frequentados, atividades de lazer e outros usos do espaço. Tais informações precisam ser registradas em um caderno de notas para serem retomadas em outra aula com a discussão sobre propostas de intervenção na realidade.</p> <p>Material necessário: dados demográficos sobre o município onde está localizada a escola; caderno de notas.</p> <p>Tempo para execução: 2 aulas.</p>

Continuação

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
<p>Capítulo 5 Linguagem cartográfica e ensino de geografia</p>	<p>1. Dimensão ser professor</p> <p>1.1. Conhecer-se profundamente como professor, identificando como e por que ensina, comparando a sua experiência com a de professores de escolas urbanas, rurais, de terras indígenas e de territórios de remanescentes de quilombolas.</p> <p>1.2. Refletir e dialogar sobre as maneiras como se relaciona com o bem comum e com o outro (em especial, com comunidades indígenas e suas formas de representação).</p> <p>2. Dimensão disciplinar</p> <p>2.1. Dominar os objetos de conhecimento do seu respectivo componente curricular ou campo de saber no que se refere à BNCC para o Ensino Médio.</p>	<p>Essa atividade dá continuidade à proposta sugerida na Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais. Depois de dialogar com os alunos sobre a diversidade de representações cartográficas, convidamos o professor a refletir sobre o uso desses mapas no desenvolvimento de seu planejamento de ensino.</p>	<p>Procedimentos: aula dialogada acerca da diversidade de representações cartográficas.</p> <p>Material necessário: diversidade de mapas e anotações do professor sobre o diálogo com a turma.</p> <p>Tempo para execução: livre.</p>
<p>Capítulo 6 Identificação de fontes confiáveis</p>	<p>1. Dimensão disciplinar</p> <p>1.1. Dominar e utilizar tecnologias digitais de informação de forma crítica, conforme as competências gerais 5 e 7 da BNCC para o Ensino Médio.</p> <p>2. Dimensão avaliação</p> <p>2.1. Definir critérios de avaliação acerca da veracidade de informações veiculadas nas redes sociais, de forma acessível aos estudantes.</p>	<p>A seção oferece um roteiro de análise da qualidade dos conteúdos veiculados nas redes sociais, visando a checagem de informações que possam ser utilizadas nas aulas de geografia.</p>	<p>Procedimentos: aplicação de roteiro sugerido por agência de checagem de notícias para a seleção de material a ser utilizado em sala de aula.</p> <p>Material necessário: roteiro de análise.</p> <p>Tempo para execução: 2 aulas.</p>
<p>Capítulo 7 Desenvolvimento sustentável</p>	<p>1. Dimensão ser professor</p> <p>1.1. Reconhecer a força de agir coletivamente, refletindo com outros professores da escola de que modo a promoção da sustentabilidade socioambiental está explicitada no projeto político-pedagógico.</p>	<p>A atividade é um convite para o professor refletir acerca de sua atuação no planejamento de atividades com professores de outras áreas. Especialmente, incentiva o professor a assumir compromissos com a sustentabilidade na escola, interferindo no projeto político-pedagógico nesse sentido.</p>	<p>Procedimentos: atividade de reflexão pessoal do professor acerca de sua atuação no trabalho coletivo dos docentes de sua unidade escolar.</p> <p>Material necessário: planejamento de ensino e projeto político-pedagógico de sua escola.</p> <p>Tempo para execução: livre.</p>

Fronteiras do conhecimento

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 Milton Santos e os meios geográficos	1. Dimensão disciplinar 1.1. Relacionar o conceito de meio geográfico com situações cotidianas da escola. 2. Dimensão avaliação 2.1. Acompanhar, sistematicamente, o processo de aprendizagem dos estudantes sobre conceitos geográficos para replanejar as ações de ensino.	A atividade incentiva o professor a refletir sobre a aplicação do conceito de meio geográfico no processo de ensino-aprendizagem.	Procedimentos: sugere-se que, quando possível, o professor indague os alunos a respeito de espaços de vivência que auxiliem na caracterização dos meios geográficos. De posse desses exemplos, o professor poderá refletir sobre a importância dessas vivências dos alunos no aprendizado da geografia. Materiais necessários: caderno de notas e o planejamento de ensino. Tempo para execução: 1 aula.
Capítulo 3 Bertha Becker e as cidades amazônicas	1. Dimensão ser professor 1.1. Reconhecer a força de agir coletivamente para preservar o patrimônio ambiental brasileiro. 1.2. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida nacional e internacional, refletindo sobre alternativas de desenvolvimento para o Brasil. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Identificar diferentes estratégias de ensino sobre o urbano e suas interfaces com questões ambientais. 2.2. Estruturar o conjunto de objetos do conhecimento sobre o fenômeno urbano numa perspectiva interdisciplinar.	A proposta envolve aprofundamento do tema por parte do professor e, ao mesmo tempo, a intensificação do diálogo com os estudantes sobre projetos de intervenção solidária.	Procedimentos: sugere-se que o professor tome nota das ideias que aparecem no debate com a turma. Elas podem oferecer informações valiosas sobre a dimensão individual e coletiva. Material necessário: caderno de notas. Tempo para execução: livre.
Capítulo 4 Antonio Carlos Robert Moraes e a geografia histórica	1. Dimensão interdisciplinar 1.1. Estabelecer relações entre os conceitos espaço geográfico e tempo histórico. 1.2. Refletir sobre a complementaridade entre geografia e história.	A atividade é uma oportunidade para o professor analisar seu planejamento de ensino e identificar momentos do calendário escolar nos quais poderá integrar mais as atividades planejadas com o professor de história.	Procedimentos: sugere-se que o professor analise seu planejamento escolar e identifique momentos em que pode desenvolver ações conjuntas com o professor de história. Material necessário: planejamento de ensino e calendário escolar. Tempo de execução: livre.
Capítulo 5 Bernardo Mançano Fernandes e os movimentos socioterritoriais	1. Dimensão ser professor 1.1. Reconhecer a força de agir coletivamente. 1.2. Perceber-se como cidadão capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Conhecer como se estruturam, em uma hierarquia, esses objetos de conhecimento. 2.2. Refletir e dialogar sobre as diferentes maneiras de expor esses objetos, de modo a torná-los compreensíveis para os estudantes.	A atividade é um convite ao professor para refletir sobre a proposta de Bernardo Mançano Fernandes acerca dos movimentos socioterritoriais.	Procedimentos: sugere-se que o professor analise seu planejamento escolar e identifique momentos em que a discussão sobre os movimentos sociais é pertinente. Material necessário: o planejamento escolar. Tempo para execução: livre.

Promoção da saúde

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 2 Alimentação saudável	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar e valorizar conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória de vida com relação à alimentação saudável. 1.2. Perceber-se como cidadão capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas, melhorando a sua própria qualidade de vida.	Trata-se de uma oportunidade de reflexão pessoal sobre os hábitos alimentares no decorrer da vida, tendo como parâmetro o <i>Guia alimentar para a população brasileira</i> .	Procedimentos: tendo por base o quadro de alimentos <i>in natura</i> ou minimamente processados, o professor é convidado a refletir sobre os alimentos consumidos desde a juventude. Material necessário: quadro de alimentos <i>in natura</i> do <i>Guia alimentar para a população brasileira</i> . Tempo para execução: livre.
Capítulo 6 Repensar hábitos digitais	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar boas práticas de promoção da saúde no uso da internet e das redes sociais. 1.2. Apropriar-se de estratégias mentais e instrumentos práticos para a promoção da saúde.	Trata-se de uma atividade destinada ao uso saudável das mídias digitais pelo professor. É um tema de grande relevância para a saúde mental dos professores nos dias de hoje.	Procedimento: checagem de comportamentos do professor diante de uma lista de hábitos digitais. Autoavaliação sobre rotinas diárias e promoção de atitudes mais saudáveis. Material necessário: lista de hábitos digitais. Tempo para execução: 40 minutos.
Capítulo 7 Saúde e ambiente	1. Dimensão disciplinar 1.1. Estruturar uma sequência de conteúdos relacionados com as áreas de saúde e meio ambiente em uma progressão adequada à realidade da turma.	A atividade propõe uma reflexão do professor a respeito das unidades temáticas previstas no planejamento escolar, nas quais seja possível abordar conteúdos relacionados à geografia e à saúde.	Procedimentos: trata-se de uma atividade de análise do planejamento escolar pelo professor, que deverá identificar momentos do processo de ensino-aprendizagem que envolvem a temática da saúde. Caso não tenha sido prevista nenhuma atividade com esse conteúdo, o professor terá a oportunidade de rever e complementar seu planejamento. Material necessário: o capítulo 7 e o planejamento de ensino. Tempo para execução: livre.

Sala de professores

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 A escolha profissional	1. Dimensão ser professor 1.1. Conhecer-se como professor, identificando como e por que ensina, a partir do contato com a trajetória de outros professores. 1.2. Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com outros professores. 1.3. Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades e alicerçar a busca da realização dos sonhos, projetando ações futuras.	Nessa seção, o professor tem a oportunidade de conhecer a trajetória na docência da professora Ana Cláudia Dundes, podendo compará-la com as opções que faz na vida.	Procedimentos: realizar a leitura da entrevista com a professora Ana Cláudia Dundes e refletir sobre a sua própria trajetória. Material necessário: o capítulo 1 do livro. Tempo para execução: livre.

Continua

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 5 A escola e sua comunidade	1. Dimensão ser professor 1.1. Conhecer-se como professor, identificando como e por que ensina, a partir do contato com a experiência de professores com a comunidade local. 1.2. Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, refletindo sobre a importância do convívio com outros professores. 1.3. Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades e alicerçar a busca da realização dos sonhos, projetando ações futuras.	Nessa seção, o professor entra em contato com a experiência do professor Rondinely Pereira de Souza, que trabalha em uma unidade escolar na comunidade ribeirinha do Distrito de Caiambé, município de Tefé (Amazonas). Espera-se que o leitor possa refletir sobre sua própria trajetória profissional, analisando os desafios do professor Rondinely naquela comunidade.	Procedimentos: realizar a leitura da entrevista para refletir a respeito da importância da geografia no currículo da escola brasileira. Material necessário: o capítulo 5 do livro. Tempo para execução: livre.

Temas transversais

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 O raciocínio geográfico	1. Dimensão interdisciplinar 1.1. Relacionar o conceito de território elaborado na geografia com a discussão das relações de poder em áreas afins.	Com base nessa leitura complementar, espera-se que o professor aprofunde sua compreensão do conceito de território.	Procedimentos: trata-se de uma reflexão pessoal do professor a partir da leitura do texto. Nesse caso, o território não se relaciona à soberania estatal, mas se constitui com base na identidade etnocultural de um grupo. Material necessário: texto "Os usos da terra" para leitura. Tempo para execução: 30 minutos.
Capítulo 2 Quem são nossos alunos?	1. Dimensão ser professor 1.1. Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades e alicerçar a busca da realização dos sonhos, projetando ações futuras. 1.2. Perceber-se como cidadão capaz de ampliar seus horizontes e suas perspectivas, pensando na relação entre o ensino de geografia e as pautas feministas. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estruturar o conjunto de objetos do conhecimento sobre a questão de gênero numa perspectiva interdisciplinar.	Trata-se de uma leitura para o professor analisar a sua compreensão sobre a questão de gênero e possibilidades de discussão de pautas feministas nas aulas de geografia.	Procedimentos: a partir da leitura do texto, o professor poderá relacionar as pautas feministas com o desenho das cidades, considerando as áreas de lazer para as crianças, o uso de banheiros públicos, a iluminação nas ruas, entre outros aspectos considerados importantes para o cotidiano das mulheres na cidade. Todos esses aspectos podem ser relacionados com situações de ensino planejadas previamente pelo professor. Material necessário: texto "A nova luta das mulheres" para leitura. Tempo para execução: livre.
Capítulo 4 O espaço e o tempo	1. Dimensão interdisciplinar 1.1. Estruturar o conjunto de objetos do conhecimento sobre a ideia de tempo em uma perspectiva interdisciplinar.	O tema é uma boa oportunidade de integração das aulas de geografia com história e sociologia.	Procedimentos: com a leitura, o professor poderá identificar diversos elementos para pensar a ideia de tempo em uma perspectiva histórica em geografia. Material necessário: texto "O tempo e as temporalidades" para leitura. Tempo para execução: 30 minutos.

Janelas para o mundo

Capítulo	Objetivos a serem desenvolvidos	Justificativa da pertinência dos objetivos	Procedimentos e material necessário (sugestão de tempo para execução)
Capítulo 1 O raciocínio geográfico	1. Dimensão ser professor 1.1. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida nacional e internacional, refletindo sobre a importância da arte e da cultura. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estruturar uma sequência de conteúdos relacionando a expressão artística à realidade, em uma perspectiva interdisciplinar.	A atividade possibilita a apreciação artística a professores e alunos, ampliando a perspectiva interdisciplinar do ensino de geografia.	Procedimentos: as opiniões expressas pelos alunos, assim como as impressões do professor, poderiam ser registradas no caderno de notas. As relações que possam ser estabelecidas entre as estruturas geométricas elementares traçadas nas telas de Mondrian e as estruturas mentais podem ser associadas à formação de conceitos. Material necessário: caderno de notas. Tempo para execução: livre.
Capítulo 3 A cidade na escola, a escola na cidade	1. Dimensão ser professor 1.1. Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida nacional e internacional, refletindo sobre a importância da arte e da cultura. 2. Dimensão disciplinar 2.1. Estruturar uma sequência de conteúdos relacionando a expressão artística à realidade em uma perspectiva interdisciplinar.	A atividade possibilita a apreciação artística por professores e alunos, ampliando a perspectiva interdisciplinar no ensino de geografia.	Procedimentos: as opiniões expressas pelos alunos, assim como as impressões do professor, poderiam ser registradas no caderno de notas. Material necessário: caderno de notas. Material eventual: revistas ou livros artísticos; pesquisa na internet. Tempo para execução: livre.
Capítulo 4 O espaço e o tempo nas ciências humanas	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir sobre diferentes maneiras de representar dados geográficos com o filtro de imagens de satélite. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estruturar uma sequência de conteúdos relacionados com as imagens de satélite para estudar a relação espaço e tempo.	A discussão do sensoriamento remoto nessa seção está relacionada com o tratamento de imagens a partir da composição colorida com falsa cor. É uma oportunidade para refletir sobre o que é possível tornar visível utilizando o filtro de lentes fotográficas.	Procedimentos: o professor pode fazer uso das imagens impressas no capítulo, mas também de outras disponíveis no site da NASA. Sugere-se que a discussão seja tanto da transformação do espaço no decorrer do tempo como do tratamento da imagem filtrada pelas câmeras orbitais. Material necessário: imagens de satélite. Tempo para execução: 1 aula.
Capítulo 7 Geografia e agenda ambiental	1. Dimensão disciplinar 1.1. Refletir sobre diferentes maneiras de representar dados geográficos tridimensionais, com destaque para os anáglifos. 2. Dimensão interdisciplinar 2.1. Estruturar uma sequência de conteúdos relacionados com anáglifos para compreender ordens de grandeza da superfície terrestre.	A seção valoriza o uso de anáglifos na escola básica brasileira, inserindo o país em uma experiência já consagrada internacionalmente.	Procedimentos: para a visualização tridimensional de anáglifos, é preciso construir os óculos, conforme as instruções. Caso os estudantes se sintam estimulados, muitas outras imagens podem ser exploradas, de acordo com as fontes indicadas. Material necessário: óculos 3-D confeccionados pelos alunos, anáglifos sugeridos e/ou obtidos na pesquisa na internet. Tempo para execução: 2 aulas.

■ A linguagem cartográfica e os desafios da geografia no Ensino Médio

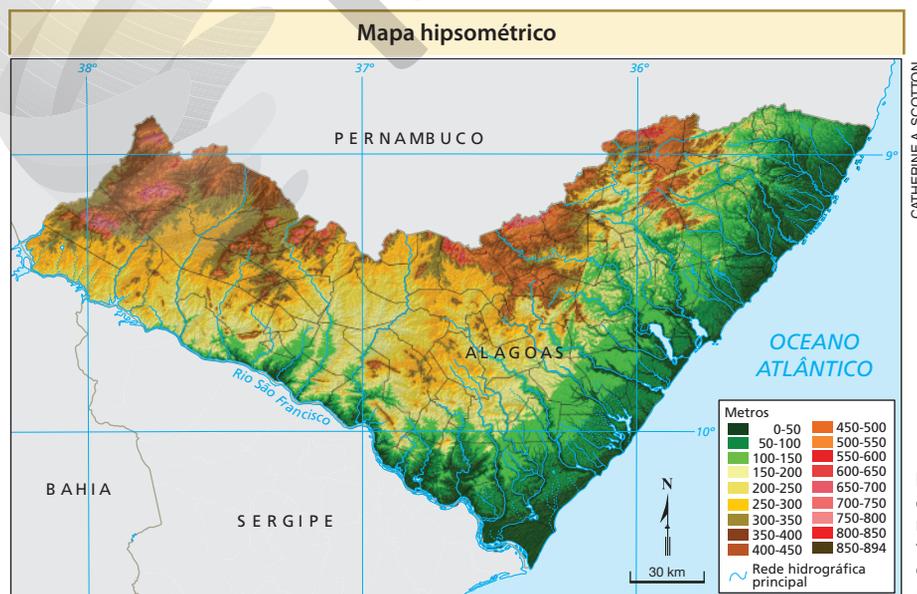
Até o final do Ensino Fundamental, espera-se que os alunos tenham completado o seu processo de alfabetização cartográfica. Nesse processo de aprendizado, as aulas de geografia devem ter contribuído para o deslocamento crescente das relações topológicas e de vizinhança (distante/perto, em cima/embaixo, esquerda/direita, interior/exterior, conectividade), com base no mapa corporal e nas habilidades sensório-motoras, para a compreensão de relações mais complexas que exigem o domínio do espaço representado em projeção euclidiana.

No Ensino Médio, o desafio não é apenas utilizar os mapas e gráficos para a representação da informação geográfica, mas ampliar o repertório das ferramentas e os procedimentos do tratamento cartográfico da informação para uma compreensão mais aprofundada do conhecimento geográfico. Assim, o uso da cartografia deve ser intensificado, colocando o jovem, progressivamente, diante da tomada de decisão a respeito da linguagem cartográfica mais adequada para a análise e a avaliação dos padrões e processos geográficos. A presente obra oferece ao professor a oportunidade de refletir e empregar diferentes figuras cartográficas (croquis, blocos-diagramas, gráficos, cartogramas etc.) em seu planejamento para as turmas do Ensino Médio.

Cartografia topográfica ou temática?

Toda carta topográfica tem como objetivo representar com a maior precisão e o melhor detalhamento possível os elementos visíveis da paisagem e passíveis de localização geométrica. Segundo Cêurio de Oliveira (1993), a carta topográfica foi elaborada mediante um levantamento original, incluindo os acidentes naturais e artificiais, o que permite determinar a planimetria e a altimetria. Tendo em vista essas características da carta topográfica, ela tem sido largamente utilizada no processo de alfabetização cartográfica.

Nas cartas topográficas, para tornar mais visíveis as formas de relevo, as cores são utilizadas para representar diferentes faixas de altitude (verde e amarelo para as planícies baixas e as colinas, sépia cada vez mais escuro para as montanhas, branco para altitudes acima de 4 mil metros). Cartas topográficas que visualizam a topografia terrestre por meio desse sistema de representação cromática são denominadas **mapas hipsométricos**, que são amplamente utilizados no Ensino Fundamental.



Fonte: Disponível em: <<http://dados.al.gov.br/es/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/295d5d8c-eb67-4dae-a452-fff8953e398c>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

A cartografia temática tem outro tipo de preocupação. Especializada na representação de um único fenômeno (formações vegetais, rodovias, localização industrial, por exemplo) ou de relações e dados geográficos não visíveis e de localização apenas qualitativa, a cartografia temática é uma linguagem de correlação e de síntese, elementos fundamentais da investigação geográfica.

No Ensino Fundamental, a cartografia temática é pouco explorada. O mapa temático mais utilizado é o **mapa político**, no qual estão representadas as fronteiras entre diferentes países, regiões ou municipalidades. Nesse caso, as cores variam de tonalidade para que sua repetição seja muito pequena e o contraste entre áreas vizinhas permita a identificação de cada elemento. Mas o repertório da cartografia temática é muito mais rico. É preciso ampliar o conceito de mapa, ainda muito associado ao conceito de carta topográfica. É por isso que, na seção “Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais”, procura-se colocar em pauta as interfaces da linguagem cartográfica, com destaque para as artes plásticas e outras formas de representação visual.

Mapas para ver ou para ler

O mapa é um documento que representa, a partir de um ponto de vista, características espaciais dos fenômenos. Mas o mapa não é assimilado de forma direta pelo leitor; pelo contrário, quando o leitor observa um mapa, exerce um papel ativo de decodificação, interpretação e avaliação. É por isso que, ao olharmos para um mapa, não mobilizamos apenas a nossa capacidade de visualização da realidade com base em uma representação gráfica: o mapa também exige a capacidade de leitura dos códigos específicos da linguagem cartográfica.

A precisão do posicionamento nos mapas depende da escala cartográfica, como mostra o quadro a seguir.

Margem de erro em algumas escalas	
1/5.000	1 metro
1/10.000	2 metros
1/25.000	5 metros
1/50.000	10 metros
1/100.000	20 metros
1/250.000	50 metros
1/500.000	100 metros
1/1.000.000	200 metros

Elaborado com dados obtidos de: LIBAULT, André. *Geocartografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. p. 150-162.

Em função das características dos fenômenos espaciais e da escala cartográfica adotada, os objetos geográficos são representados no mapa de três maneiras distintas:

- implantação pontual – a superfície ocupada na folha de papel é insignificante, mas é possível localizá-la com precisão, como é o caso da representação das capitais dos países, por exemplo, nos planisférios políticos;

- implantação linear – é possível indicar com exatidão o traçado de estradas e rios, entre outros objetos lineares, apesar de a largura ser desprezível em relação ao comprimento;
- implantação zonal – é possível delimitar uma área suficiente para manter a proporcionalidade com a área existente no terreno.

Além de escolher qual é o modo de implantação mais adequado dos objetos geográficos, cabe ao autor do mapa utilizar os elementos da linguagem visual, como a forma e o tamanho dos objetos. O uso de cores e símbolos também possui um forte poder de comunicação. Como toda linguagem gráfica, a cartografia tem regras fundamentais que precisam ser respeitadas para construir uma mensagem clara e sem ruídos de comunicação, empregando da melhor maneira possível as variáveis visuais, como forma, tamanho, cor, valor, textura e granulação apresentadas no quadro abaixo.

Métodos de mapeamento	Tipos de dados								
	Fenômenos qualitativos				Fenômenos quantitativos				
	Nominal		Ordenado		Relativo			Absoluto	
Pontual	Forma	Cor	Tamanho	Valor	Valor	Cor	Textura	Tamanho	
Linear	Forma	Cor	Tamanho	Valor	Cor	Valor	Cor	Tamanho	
Zonal	Cor	Granulação	Valor	Cor	Valor	Cor	Tamanho	Densidade de pontos	

Fonte: Elaborado pelo autor.

■ Sugestões de sites, vídeos, livros e conteúdos multimodais

Sites sugeridos para pesquisa

Africanidades

André Bueno, professor de história e filosofia, mantém um *blog* sobre a história e as tradições culturais africanas que contém um vasto acervo de indicações bibliográficas e *links* sobre o tema. Disponível em: <<http://afrologia.blogspot.com>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Articulação Nacional de Agroecologia

O *site* é um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajados em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Atlas do Desenvolvimento Humano

Além do acesso a dados sobre urbanização, esse atlas permite a elaboração de mapas temáticos do país, de regiões e de estados com base em dados estatísticos do IBGE. O destaque fica por conta das tabelas de dados sobre as regiões metropolitanas brasileiras. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Blog da Boitempo

O *blog* apresenta publicações diárias de textos originais de diversos temas: filosofia, história, psicanálise, economia, política e literatura, entre outros. Conta também com publicação quinzenal com sugestões de leituras, vídeos e eventos. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Cartografia Escolar

Trata-se de um *blog* com muitas informações e troca de experiências entre professores interessados no desenvolvimento da cartografia temática em sala de aula. Disponível em: <<https://cartografiaescolar.wordpress.com>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Casa das Áfricas

Site de centro de pesquisas que promove a produção e a ampliação de conhecimentos sobre a cultura e os problemas do continente e das sociedades africanas. Dispõe de rico acervo de textos e imagens relacionados ao assunto. Disponível em: <<http://casadasafricas.org.br/wp/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Centro de Estudos Afro-orientais

Site da revista do Centro de Estudos Afro-orientais da Universidade Federal da Bahia, voltada para a divulgação de estudos de populações africanas, asiáticas e seus descendentes no Brasil e no mundo. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Conselho Indigenista Missionário (Cimi)

Site de apresentação do Cimi, entidade vinculada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Trata de assuntos gerais relacionados às políticas indigenistas no Brasil, incluindo o trabalho da Igreja Católica junto aos povos indígenas. Disponível em: <<https://cimi.org.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Embrapa Monitoramento por Satélite

A combinação de novas técnicas, *softwares* de domínio público e programas desenvolvidos na Embrapa Monitoramento por Satélite permitiu disponibilizar, via internet, imagens reais do Brasil. A iniciativa garante o acesso gratuito a subprodutos de satélites, que antes eram de uso exclusivo de pesquisadores ou do governo, devido, principalmente, ao alto custo e à alta demanda de memória eletrônica para armazenagem dos arquivos. Disponível em: <<https://www.cnpm.embrapa.br/projetos/cdbrasil/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Google Earth

Google Earth é um navegador geográfico, isto é, uma ferramenta para visualizar, criar e compartilhar arquivos interativos com informações visuais específicas do local. Permite “voar” para qualquer lugar na Terra e ver imagens de satélite, mapas, terrenos, edificações em 3-D e até mesmo explorar corpos celestes. Disponível em: <<http://earth.google.com>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

IBGE

Endereço eletrônico do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Apresenta resultados das pesquisas demográficas realizadas pelo órgão, projeções populacionais, mapas

interativos, informações gerais sobre os municípios brasileiros etc. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Inpa

Site do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, com notícias, publicações especializadas e *links* para projetos de pesquisa, entre outros assuntos relacionados à Amazônia. Disponível em: <<http://portal.inpa.gov.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Instituto Socioambiental (ISA)

O *site* do ISA traz informações variadas sobre a questão indígena no Brasil, como a luta pela demarcação das terras, pela cultura e pela educação indígena, entre outros aspectos. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Le Monde Diplomatique Brasil

Na biblioteca virtual do Le Monde Diplomatique Brasil, você encontra diversos textos que tratam de políticas demográficas, assim como da situação de imigrantes e refugiados em diversas regiões do mundo. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/acervo-online/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Museu do Índio

O Museu do Índio é uma instituição governamental que traz informações sobre os diversos povos indígenas que habitam o território nacional. Um de seus principais objetivos é garantir o respeito pela diversidade étnica dos 270 grupos que vivem no Brasil. No *site* podem ser encontrados vídeos, fotos, notícias, entre outros. Disponível em: <<https://www.museudoindio.org.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Objetivos do Milênio – Brasil

Site das Nações Unidas no Brasil, destinado à divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, cuja origem está na Cúpula do Milênio, realizada no ano 2000, quando os países-membros estabeleceram metas de combate à pobreza e de promoção de justiça social entre os povos. Disponível em: <<http://www.odmbrasil.gov.br/o-brasil-e-os-odm>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Observatório das Metrôpolis

Excelente fonte de informações sobre a problemática do desenvolvimento das metrópoles. Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetropoles.net>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Observatório Jovem

Site do grupo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF), preocupado com a cultura jovem e o impacto das redes sociais e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola pública. Disponível em: <<http://www.observatoriojovem.uff.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Planneta Educação

O portal Planneta Educação é uma plataforma interativa que se tornou referência entre os educadores brasileiros. Reúne conteúdos sobre educação para inspirar você e aqueles que o cercam. Disponível em: <<https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Pólis

O Instituto Pólis é um dos principais centros difusores de pesquisa sobre gestão urbana no Brasil. No *site*, destaca-se a série de publicações no boletim DICAS, que contém descrições de centenas de experiências brasileiras inovadoras. Disponível em: <<http://www.polis.org.br>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Portal da Cartografia

Nesse *site*, o professor poderá encontrar material para o aprofundamento da discussão da cartografia escolar, assim como suporte técnico para a produção cartográfica. Disponível em: <<https://cartografiaescolar.wordpress.com/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Quilombos do Ribeira

Site da Organização Quilombola do Vale do Ribeira, que aborda questões das comunidades quilombolas dessa região, como suas organizações culturais e aspectos socioeconômicos. Disponível em: <<https://www.quilombosdoribeira.org.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Vídeos clássicos

A grande muralha verde

Direção de Jared P. Scott. Produção de Fernando Meirelles. Reino Unido, 2019.

Documentário em que somos guiados por uma cantora *pop* e ativista do Mali, em uma iniciativa ambiciosa para fazer crescer uma muralha de quase oito mil quilômetros de árvores para restaurar a terra, conter a desertificação e a seca e fornecer um futuro para milhões de pessoas. Acompanhando a tragédia da degradação e da pobreza, o filme é também um sinal de esperança de recuperação ambiental e econômica.

A guerra do fogo

Direção de Jean-Jacques Annaud. França/Canadá, 1981.

O filme reconstrói o mundo a partir das modificações ocasionadas pelo domínio do fogo pelos seres humanos, 80 mil anos atrás. Representa de modo emocionante os primeiros passos rumo a uma conquista que alteraria de maneira irreversível o modo de vida de toda a humanidade.

Antropoceno: a era humana

Direção de Jennifer Baichwal, Edward Burtynsky e Nicholas de Pencier. Canadá, 2018.

Um grupo de cineastas viaja por 20 países de todos os continentes para documentar o impacto causado pelo ser humano no planeta. O filme é uma proposta de reflexão sobre como nossas ações podem abalar o mundo.

As montanhas da Lua

Direção de Bob Rafelson. EUA, 1990.

Baseado no livro de William Harrison, narra a expedição da descoberta do Lago Vitória, na busca pela nascente do rio Nilo. É interessante observar que, na falta de conhecimento técnico, os cartógrafos ocupavam o centro da África levando em conta as hipóteses e as suposições que cada um levantava. À medida que os descobrimentos foram avançando, o contato direto com o que se via se sobrepôs às suposições.

Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá

Direção de Silvio Tendler. Brasil, 2007.

Documentário que aborda o processo de globalização com base no pensamento do geógrafo Milton Santos, cuja entrevista – a última antes de seu falecimento – permite traçar um

amplo cenário das desigualdades entre os países ricos e os países pobres dentro do sistema capitalista, numa leitura otimista sobre as possibilidades de mudanças.

Estamira

Direção de Marcos Prado. Brasil, 2004.

Documentário que trata do cotidiano de uma mulher simples e de vida difícil que encontra no lixão uma possibilidade de sobrevivência. A narrativa é atraente, por colocar em discussão temas e assuntos que retratam as condições precárias da saúde pública no Brasil, a miséria e o grave problema dos aterros sanitários a céu aberto, tão comuns nas pequenas e nas grandes cidades de nosso país.

Eu, robô

Direção de Alex Proyas. EUA, 2004.

Inspirada na clássica coleção de contos de Isaac Asimov, a produção representa um mundo futuro, em que seres humanos e máquinas convivem lado a lado.

Ilha das Flores

Direção de Jorge Furtado. Brasil, 1989.

Curta-metragem que retrata as contradições sociais do Brasil, como a pobreza e a fome, por meio da produção de tomates. Acompanha o processo desde a plantação do tomate, passando pelas mãos do consumidor, até chegar aos lixos da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Koyaanisqatsi: uma vida fora de equilíbrio

Direção de Godfrey Reggio. EUA, 1982.

O título desse documentário, de difícil pronúncia, é de origem hopi – indígenas originários de áreas onde atualmente situam-se os Estados Unidos da América – e significa “vida fora de equilíbrio”. O filme é constituído apenas de imagens e trilha sonora e enfoca as relações peculiares das sociedades industriais, caracterizadas pelo desequilíbrio ecológico. Um filme marcante, que invariavelmente desencadeia reflexões acerca das interrelações existentes no planeta Terra.

Martírio

Direção de Vicent Carelli. Brasil, 2016.

Uma análise da violência sofrida pelos guarani kaiowá, com o *lobby* do agronegócio. Esse povo, que habita terras do Centro-Oeste brasileiro, vive em constante conflito com a repressão e a opressão organizadas por latifundiários, pecuaristas e fazendeiros locais, o que resulta em assassinatos, despejos, silenciamento, em uma tentativa de extermínio e de apagamento da sua cultura.

Matrix

Direção de Larry e Andy Wachowski. EUA, 1999.

O filme retrata o ano 2200 e apresenta a luta do ser humano para livrar o mundo do domínio das máquinas, que evoluíram após o advento da inteligência artificial. *Reloaded* e *Revolutions* são os outros dois filmes que compõem a trilogia, que trata da resistência à invasão e às ameaças das máquinas por meio do controle da Matrix, um programa de computador ao qual todos estão conectados.

Naqoyqatsi: a guerra como forma de vida

Direção de Godfrey Reggio. EUA, 2002.

Último documentário da trilogia Qatsi, apresenta o embate das relações do ser humano com os recursos ambientais. Dessa maneira, o diretor conduz os espectadores a refletir acerca da tecnologia, da competitividade e dos conflitos do mundo contemporâneo.

Powaqqatsi: vida em transformação

Direção de Godfrey Reggio. EUA, 1998.

O documentário é a continuação de *Koyaanisqatsi* e faz parte da trilogia Qatsi. Na língua dos índios hopi, o título original significa “a vida em transformação”, e o diretor gravou as cenas em diversos países do mundo, onde as empresas dos mais poderosos exploram os aspectos culturais, os recursos naturais e a mão de obra local. O filme oferece imagens impressionantes, com trilha sonora de Philip Glass.

Últimas conversas

Direção de Eduardo Coutinho. Brasil, 2015.

Nesse documentário, lançado após sua morte em 2014, o cineasta Eduardo Coutinho entrevista estudantes do Ensino Médio público no Rio de Janeiro, que falam sobre suas vidas, seus sentimentos e suas expectativas para o futuro, buscando entender como pensam, sonham e vivem esses adolescentes.

Waterworld: os segredos das águas

Direção de Kevin Reynolds e Kevin Costner. EUA, 1995.

O filme é uma ficção que considera, no futuro, o derretimento das calotas polares e a submersão dos continentes. A população sobrevivente acredita que o mundo tenha surgido de um grande dilúvio. Há uma lenda a respeito de um lugar chamado Terra Firme, onde haveria água doce e “terra seca”. Encontrá-la é a esperança de alguns, obstinados por essa busca.

■ Referências bibliográficas consultadas e complementares comentadas

- ARAUJO, A.; FERREIRA, L. F. R. F. da. Homens e parasitos: a contribuição da paleoparasitologia para a questão da origem do homem na América. *Revista USP*, São Paulo, v. 34, p. 58-70, 1997.
Artigo publicado na *Revista USP* sobre paleoparasitologia, ciência que estuda a presença de parasitas em materiais arqueológicos ou paleontológicos. Nele, discute-se a possibilidade de compreender melhor as populações humanas e os fluxos migratórios na América com base na investigação de vestígios de parasitas em fezes humanas.
- ARGAN, Giulio C. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
Com aproximadamente 750 ilustrações, a obra do crítico e ensaísta italiano Giulio Carlo Argan, traduzida para o português, é uma referência essencial para o estudo da arte moderna, suas origens e suas relações com o momento histórico e a sociedade que a produziu, considerando o desenvolvimento urbano e industrial ocorrido entre os séculos XIX e XX, bem como o pensamento iluminista que a precedeu.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
Reúne os estudos do filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) sobre a relação da linguagem escrita e verbal com o contexto social, histórico e político de quem fala. Segundo ele, o texto (oral ou escrito) representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção) de um sujeito, um autor (que fala, escreve), estabelecendo um diálogo com outros textos ou leitores potenciais e para os quais são endereçadas as falas.
- BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. *Network propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization in American politics*. Oxford: University Press, 2018.
Um amplo estudo sobre a evolução das mídias estadunidenses, tanto no formato tradicional quanto no formato digital, que enfatiza as relações entre a manipulação da informação e a radicalização de parte da sociedade.
- BRUNHES, Jean. *Geografia humana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
Apresenta a atividade e a conexão com os princípios que devem nortear o campo disciplinar da geografia. De acordo com o autor, a atividade humana deve ser compreendida na teia dos demais fenômenos terrestres, sempre conectados entre si.
- CGEE. *Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009.
Projeto de desenvolvimento que enfatiza a importância da ciência e da tecnologia como forma de enfrentar os desafios da Amazônia brasileira, coordenado pelos geógrafos Bertha Becker e Wanderley Messias da Costa e pelo economista Francisco de Assis Costa.
- CHAME, M. Espécies exóticas invasoras que afetam a saúde humana. *Ciência e Cultura* (SBPC), v. 61, p. 30-34, 2009.
O artigo analisa as principais espécies exóticas que afetam a saúde humana, como vírus, bactérias e fungos. Relaciona esse levantamento com a circulação dos seres humanos entre os continentes em uma escala temporal de longa duração.
- CIDADE Educadora [verbete de glossário]. Centro de Referências em Educação Integral, 10 jul. 2014. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/glossario/cidade-educadora/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.
Apresenta algumas das personagens que estruturaram os esquemas de desinformação presentes nas mídias digitais e estabelece relações entre esse fenômeno e a ascensão dos novos populismos.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), 1979-1999*. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
Tese de Doutorado sobre os processos de formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST no Brasil. O objetivo é a compreensão da gênese do MST,

em 1979, até o ano 1999. Para isso, há uma ampla pesquisa de campo pela qual foram visitados 21 estados brasileiros e o Distrito Federal, para a realização de entrevistas com sem-terra, religiosos, prefeitos, parlamentares, sindicalistas, assessores e pesquisadores, que relataram suas participações na construção do MST.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Movimentos socio-territoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais*. Revista *Nera*, ano 8, n. 6, p. 30-31, jan./jun. 2005.

Partindo da ideia de que o território é multidimensional, constituindo-se em uma totalidade, o autor do artigo propõe um novo conceito denominado "movimento socioterritorial" para estudar as formas de resistência aos processos de exclusão social provocados pelas políticas neoliberais.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo; BELHOT, Renato Vairo. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações dos instrumentos para definição de objetivos instrucionais. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 17, p. 421-431, 2010.

O artigo faz uma revisão de literatura a respeito da Taxonomia de Bloom, formulada na década de 1960, para pensar a definição de objetivos instrucionais e a escolha de instrumentos de avaliação na atualidade. Depois da apresentação das principais características da proposta de Bloom, são também discutidas as modificações ocorridas nos últimos anos.

FONSECA, Eugênio Pacelli. *Cartografia escolar: a cartografia da sala de aula*. São Paulo: Boreal, 2016.

Obra planejada para fomentar a produção e o uso de mapas com jovens e crianças na sala de aula. Livro importante para os professores do Ensino Médio, uma vez que discute metodologias, teorias e práticas no processo de construção do conhecimento geográfico por meio da cartografia temática.

GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Baseado sobretudo na produção bibliográfica francesa, o autor apresenta a origem dos mitos políticos que povoam o imaginário coletivo, mos-

trando que esse imaginário, muitas vezes, toma o lugar da verdade histórica.

GONÇALVES, M. L. C. *Helminhos, protozoários e algumas ideias: novas perspectivas na paleoparasitologia*. 2002. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.

Nessa tese, o autor discute a presença de espécies parasitas em vestígios de fezes humanas encontrados em sítios arqueológicos americanos.

GOULD, Stephen Jay. *Seta do tempo, ciclo do tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Para o autor, a seta do tempo (o progresso do tempo, marcado por singularidades) e o ciclo do tempo (a imanência das leis e o retorno dos padrões) são categorias que ajudam a organizar nossa percepção. A noção do tempo geológico como tempo profundo é também desenvolvida no livro.

HAGGETT, Peter. *Locational analysis in human geography*. Londres: Edward Arnold, 1965.

Obra fundamental para os estudos geográficos de estatística espacial, na qual, especialmente, o autor propõe metodologias para a análise da distribuição, dispersão e concentração de dados no espaço.

HARRIS, Nathaniel. *Vida e obra de Dalí*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

O autor apresenta os aspectos mais marcantes da obra de Salvador Dalí, assim como dados biográficos relevantes para a compreensão e a contextualização do trabalho do artista.

HARTSHORNE, Richard. *The nature of geography: a critical survey of current thought in the light of the past*. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 29, n. 3, p. 173-412, set. 1939.

Um clássico da geografia norte-americana sobre a análise que Richard Hartshorne faz a respeito da "diferenciação de área" e a produção do conhecimento regional. Em linhas gerais, o autor considera que as ideias são fundamentalmente meios, instrumentos para o planejamento territorial e ações práticas por parte dos geógrafos.

HARVEY, David. *Explanation in geography*. Londres: Edward Arnold, 1969.

Considerado um teórico marxista pós-moderno por causa de suas produções contemporâneas,

- Harvey, nessa obra precoce, busca contribuir para a fundação de uma geografia científica por vezes associada à corrente quantitativa do pensamento geográfico.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de géographie humaine*. Paris: Colin, 1921.
Obra fundadora da geografia regional francesa, estruturada em torno do conceito de “gênero de vida”, resultante da interação dos diferentes povos com os recursos disponíveis em seu meio natural.
- LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve*, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1989.
Nesse trabalho, tornado clássico, Lacoste estabelece uma distinção entre a geografia do Estado maior, um saber estratégico fundamental para o planejamento de ações bélicas, e a geografia dos professores, que teria como função acobertar esse caráter estratégico com um manto de inutilidade.
- LEFÈBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
O autor apresenta a primazia da lógica dialética, fundada no princípio essencial da contradição como caminho de análise e aproximação da verdade.
- LEFÈBVRE, Henri. *The production of space*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1991.
Obra fundamental na história do pensamento geográfico moderno, apresenta a concepção de espaço como uma construção social que, ao mesmo tempo, molda e é moldada pelos modos de produção.
- LIBAULT, André. *Geocartografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
Um clássico da cartografia geográfica, sintetiza as principais ideias de André Libault, tanto sobre os fundamentos da cartografia topográfica como sobre as características gerais da cartografia temática desenvolvida pelos geógrafos.
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena (org.). *Geografia e literatura*. Londrina: Eduel, 2010.
Coletânea de textos sobre obras literárias a partir do olhar da geografia. Na introdução, os organizadores da obra fazem uma interessante discussão sobre as relações entre o conhecimento geográfico, os textos poéticos e a capacidade imaginativa dos leitores.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
A obra encerra uma proposta inovadora para o fazer geográfico, que parte da ideia do espaço como uma dimensão relacional da sociedade marcada sobretudo pelas conexões e interações e, portanto, sempre aberta e em construção.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e história do Brasil*. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
Proposta inovadora de investigação geográfica que considera, sobretudo, a história territorial e dimensiona a importância do espaço na formação social brasileira.
- NUNES, Paulo André. Chance do surgimento de um vírus amazônico é real, diz especialista. *A Crítica*, 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/governo/news/chance-do-surgimento-de-um-virus-amazonico-perigoso-e-real-diz-especialista>>. Acesso em: 11 dez. 2020.
A matéria alerta para a possibilidade do surgimento de novas doenças em decorrência do desmatamento e do desequilíbrio ecológico resultantes da urbanização de áreas com grande biodiversidade, como é o caso da Amazônia.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
O autor discute o conceito de “competência” a partir das experiências escolares e aponta caminhos de sua aplicação no planejamento docente.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
Nessa obra, Raffestin considera a geografia política clássica, desenvolvida por autores como Ratzel, para pensar outros temas de interesse mais recente da ciência geográfica, como fronteiras, população, circulação, centro e periferia.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 2006.
Obra fundamental para a compreensão do universo conceitual do autor, que dissecou as consequências de um sistema técnico tornado universal para a produção das espacialidades humanas e teoriza sobre as múltiplas relações escalares entre o local, o nacional e o global.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
Coletânea de ensaios escritos por Milton Santos nos anos 1980, nos quais o autor reflete sobre ferramentas teóricas e metodológicas que possibilitam a compreensão do espaço e sua relação com a sociedade como um todo. Leitura essencial para a área de geografia e demais ciências humanas.

- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2012.
 Obra-síntese sobre o processo de humanização intensiva da paisagem materializado na disseminação de objetos técnicos e na emergência de uma natureza artificial.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.
 Uma profunda reflexão sobre a história do pensamento geográfico, que analisa as razões da crise da geografia e propõe novos horizontes teóricos de pesquisa, fundados na definição de espaço como uma instância social.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1986.
 Nessa obra, o autor toma a educação escolar como preocupação central para se compreender o trabalho educativo em uma perspectiva sociocrítica.
- SORRE, Max. *El hombre en la Tierra*. Barcelona: Editorial Labor, 1967.
 Nessa obra, Sorre analisa noções fundamentais da geografia sob o ponto de vista da ecologia. O autor tem como ponto de partida alguns princípios do raciocínio, como o da conectividade.
- SORRE, Max. *Rencontres de la géographie et de la sociologie*. Paris: Marcel Rivière et Cie., 1957.
 Obra pioneira que discute a interface dos conhecimentos geográficos com a sociologia. Para o autor, tanto os geógrafos quanto os sociólogos procuram explicar os elementos de permanência e de mudança na “ação de um complexo” e para quais intenções foram produzidas determinadas técnicas ou conjunto de técnicas. O elo de ligação entre as leituras das duas disciplinas sobre essas temáticas é o entendimento das relações sociais em determinados lugares e períodos históricos.
- SYVITSKI, J.; WATERS, C. N.; DAY, J. et al. Extraordinary human energy consumption and resultant geological impacts beginning around 1950 CE initiated the proposed Anthropocene Epoch. *Communications Earth & Environment*, v. 1, n. 32, 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s43247-020-00029-y>>. Acesso em: 9 nov. 2020.
 O artigo, em inglês, avalia o gasto de energia promovido pelos seres humanos, proveniente em especial de combustíveis fósseis, bem como o aquecimento global, o crescimento da população humana e o aumento da produtividade. Com base nesses marcadores, os autores consideram que a ação humana promoveu mudanças abruptas no registro estratigráfico da Terra por volta de 1950, o que justificaria uma nova datação para o início do Antropoceno.
- TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. *Geograficidade*, v. 5, p. 52, 2015.
 Nesse artigo, o autor analisa os usos e abusos do termo “território” no meio acadêmico. Para isso, estabelece relações do termo com os conceitos de “espaço” e “lugar”.
- TURRA NETO, N. Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. *Revista Formação*, v. 1, p. 38-56, 2013.
 Nesse artigo, o autor faz uma articulação entre os projetos de vida dos jovens e o ensino de geografia. Para isso, há uma revisão das tendências da geografia cultural e uma análise das vivências urbanas de grupos de jovens brasileiros.
- WILLIAMS, Raymond. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
 Trata-se de um clássico da discussão sobre a relação da sociedade com a natureza com base em uma abordagem da chamada história ambiental. De acordo com o autor, a concepção de “natureza” foi se transformando no decorrer do tempo, na medida em que as relações humanas com o meio também sofreram transformações.
- WOOD, Denis. Map Art. *Cartography Perspectives*, n. 53, p. 5-14, 1º mar. 2006.
 O artigo, em inglês, discute a intervenção de artistas sobre os mapas e critica a ideia de linguagem cartográfica como forma de representação neutra e universal do espaço.
- ZABALA, Antoni (org.). *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
 Obra importante para os educadores preocupados com o planejamento escolar, fundamentada no pensamento prático e na capacidade reflexiva do docente. O autor se contrapõe à visão de que o professor é um mero aplicador de fórmulas herdadas da tradição. Pelo contrário, ele discute o protagonismo docente na transformação da escola em um espaço reflexivo e crítico.

Documentos, relatórios e atlas geográficos

- BRASIL. IBGE. *Áreas urbanizadas do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- BRASIL. IBGE. *Arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- BRASIL. IBGE. *Atlas nacional digital do Brasil*. Brasília: IBGE, 2016.
- BRASIL. IBGE. *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- BRASIL. IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- BRASIL. IBGE. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- BRASIL. IBGE. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.
- CIDADE Educadora [verbete de glossário]. *Centro de Referências em Educação Integral*, 10 jul. 2014. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/glossario/cidade-educadora/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco/MEC, 1998. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/relatorio_dellors.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- GAVAZZI, Renato; SPYER, Márcia. *Atlas geográfico indígena do Acre*. Rio Branco: Comissão Pró-índio do Acre, 1998. Disponível em: <<http://cpiacre.org.br/publicacao-acervo/atlas-geografico-indigena-do-acre/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- LE MONDE Diplomatique Brasil. *Atlas do meio ambiente*. São Paulo: Instituto Pólis, 2008.
- OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário cartográfico*. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66318.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- UNICEF. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* (Conferência de Jomtien – 1990). Jomtien: Unicef, 1990. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- UNICEF. *Reprovação, distorção idade-série e abandono escolar: dados do Censo Escolar 2018 publicados no site da estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar* (<trajetoriaescolar.org.br>) do Unicef e parceiros. Unicef, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/6151/file/reprovacao_distorcao_idade-serie_abandono_escolar_2018.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- UNICEF. *Situação Mundial da Infância 2012: crianças em um mundo urbano*. Unicef, 2012. Disponível em: <<http://crianca.mppr.mp.br/pagina-1441.html>>. Acesso em: 7 dez. 2020.
- ONU. *Objetivos de desenvolvimento sustentável*. Habitat III. Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável. Disponível em: <<http://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

O raciocínio geográfico

ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL



Prefeitura Municipal de Salvador, inaugurada em 1986.

O elevador Lacerda (1873) tem 63 metros de altura.



Vista de Salvador da Baía de Todos os Santos, junho de 2019.

HELISSA GRUNDEMANI/SHUTTERSTOCK



Mercado Modelo, inaugurado em 1912 para atender à necessidade de um centro de abastecimento na Cidade Baixa de Salvador.

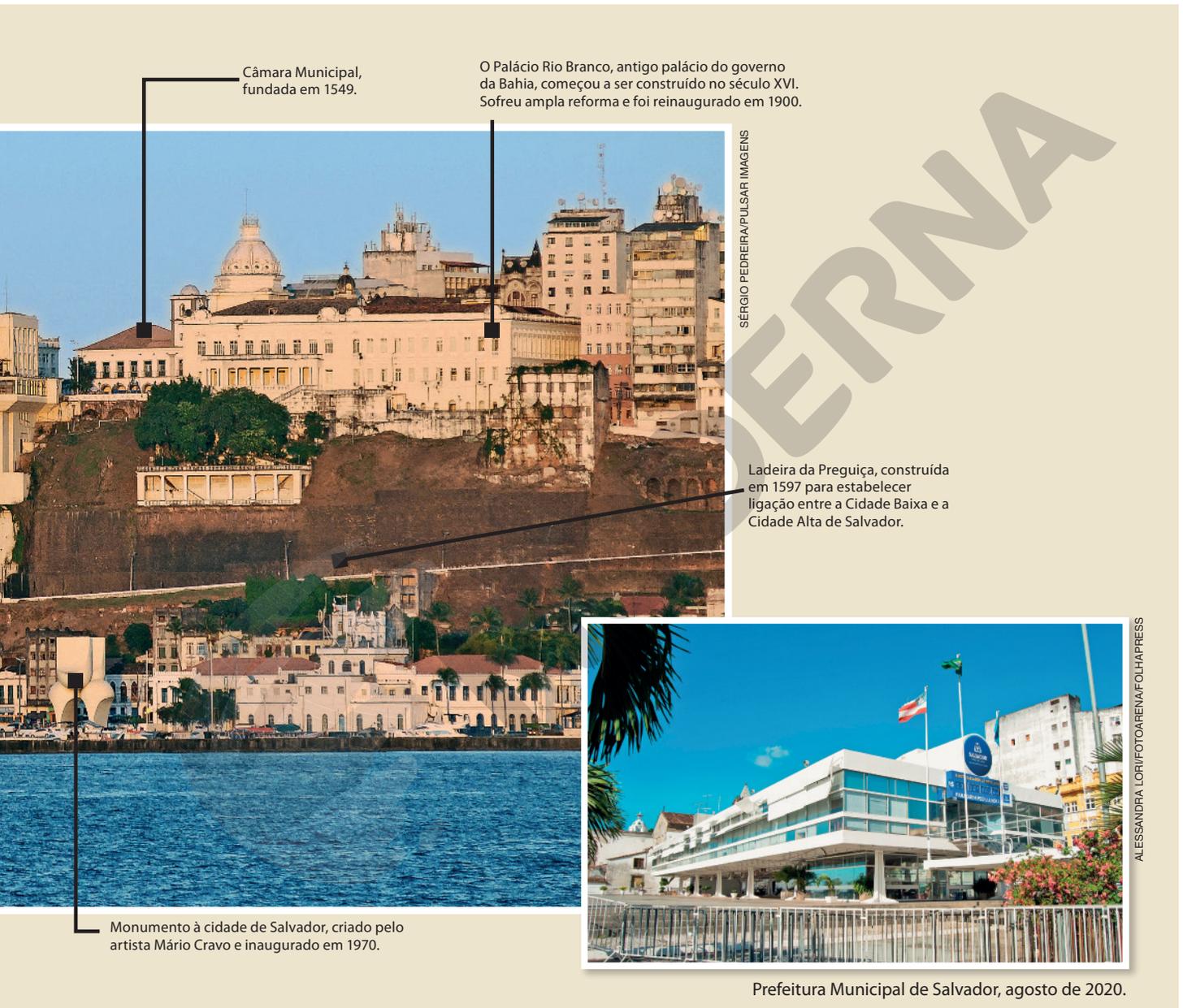
Vista panorâmica do elevador Lacerda, setembro de 2019.

■ Evento escolar: a importância das aulas de geografia

Com o início do ano letivo, o professor de geografia desencadeia um importante evento escolar: a sua aula! Qual é a importância da geografia no currículo escolar? Refletir sobre esse tema é fundamental para melhorar nosso trabalho docente e até mesmo nossa autoestima e nossa motivação profissional. Afinal, nosso trabalho faz muita diferença no cotidiano

escolar: não há disciplina mais adequada que a geografia para revelar como a dimensão espacial das sociedades materializa projetos econômicos, estratégias políticas e identidades culturais.

Chamamos **olhar geográfico** aquele que enxerga a sociedade por meio dos espaços que ela produz, desvendando o texto social neles impresso. Vejamos, como exemplo, uma vista panorâmica da cidade de Salvador (BA).



Para analisar a paisagem a partir da vista panorâmica de Salvador, fazemos uso de princípios do raciocínio geográfico. O primeiro passo é o princípio da localização da cidade de Salvador na Bahia e no Brasil. Da localização depreende-se a extensão da superfície observável e dos objetos distribuídos no espaço (ruas, monumentos, edificações). É desse conjunto de objetos distribuídos no espaço que resulta uma combinação única, que nos leva ao princípio da diferenciação em relação a outras áreas. É assim que se desenvolve um olhar geográfico de maior complexidade: identificando conexões desses objetos com outros (por exemplo, o Elevador Lacerda, que conecta a Cidade Alta com a Cidade Baixa), assim como com o princípio de ordem que envolve o comando desses objetos por agentes em outras escalas. É o caso, por exemplo, das instituições (prefeitura municipal e igrejas, entre outras) que integram estruturas de poder e centros de decisão mais distantes daquele lugar.

Objetos produzidos em épocas diferentes se acumulam num mesmo lugar, como se observa nas imagens que abrem o capítulo, ainda que as ações humanas emprestem sempre novos conteúdos sociais a esses objetos.

Estatuto epistemológico é o conjunto de conceitos e procedimentos metodológicos adotados por qualquer ciência no decorrer das experiências acumuladas de ensino e pesquisa. O olhar geográfico foi desenvolvido como uma forma específica de pensar a realidade: o raciocínio geográfico, que envolve um conjunto de princípios, os quais constam no quadro a seguir.

Descrição dos princípios do raciocínio geográfico	
Princípio	Descrição
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação*	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem**	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fontes dos dados: FERNANDES, José A. R.; TRIGAL, Lourenzo L.; SPÓSITO, Eliseu S. *Dicionário de Geografia aplicada*. Porto: Porto Editora, 2016.

* MOREIRA, Ruy. A diferença e a geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999.

** MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (org.). *Novos rumos da Geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 35-49.

Fonte: BRASIL, MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. p. 360. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2020.

■ Práticas em geografia

O olhar geográfico

A construção do olhar geográfico sobre os fenômenos sociais envolve a mobilização do universo conceitual da disciplina, de forma a conferir sentido e significado ao mundo de informações que chegam por meio das mídias e redes digitais. Cabe à escola em geral, e à geografia em particular, garantir que os estudantes tenham acesso aos mais diferentes pontos de vistas e abordagens sobre os fenômenos estudados, em um ambiente de ensino e aprendizagem verdadeiramente democrático, e que saibam reconhecer o conhecimento relevante e não distorcer a realidade. Os conceitos são o ponto de partida na relação ensino-aprendizagem, funcionando como garantia de que o saber geográfico continue na escola.

A geografia pertence ao núcleo das ciências humanas e ciências sociais aplicadas, dedicando-se ao estudo da sociedade, assim como a história, que estuda os processos sociais considerando principalmente suas transformações ao longo do tempo, e a sociologia, que investiga as diferentes formas de organização social. A geografia, por sua vez, estuda a sociedade por meio das dinâmicas espaciais que esta produz, consideradas em suas múltiplas escalas, do local ao global.

Para fazer isso, é preciso empregar algumas ferramentas que nos auxiliam a organizar o pensamento. Na linguagem da ciência, essas ferramentas se chamam **conceitos**.

O conceito de **paisagem**, por exemplo, relaciona-se ao conjunto de objetos sociais construídos em diversos momentos históricos (como estradas, pontes, fábricas e edifícios) e de objetos naturais (como rios, montanhas e oceanos, muitas vezes já transformados pelos seres humanos) que podemos captar por meio dos sentidos, não apenas da visão, mas também da audição, do tato e do olfato.

Na vida cotidiana, utilizamos nossa capacidade de observar e perceber as paisagens, ampliando nosso conhecimento da realidade que nos cerca. A diferenciação entre as paisagens decorre das diferenças naturais e da intervenção desigual das sociedades sobre a superfície terrestre. Algumas áreas apresentam-se extensa e profundamente transformadas pela incorporação de artefatos humanos, enquanto outras exibem intervenções discretas e descontínuas.

Assim como a paisagem, o conceito de **espaço geográfico** também é essencial para a geografia, porque envolve não somente a combinação de objetos sociais e naturais, mas também as ações humanas decorrentes da organização do trabalho, das relações familiares e cotidianas e da produção e do consumo. Isso significa que a sociedade produz o espaço no qual vive, estuda, trabalha e se diverte, mas também é, em certa medida, influenciada pelas características desse espaço.

Um edifício, por exemplo, que é um objeto material, adquire um conteúdo social completamente diferente quando usado por uma escola ou por uma fábrica. Da mesma maneira, quando uma construção onde funcionava um cinema passa a ser utilizada como templo religioso, a paisagem pouco se modifica, mas o sentido e o conteúdo social desse componente do espaço se transformam completamente. Para que fique bem clara a **distinção entre espaço e paisagem**, vejamos um exemplo utilizado pelo geógrafo Milton Santos. Imagine o uso de uma arma, como uma bomba de nêutrons, capaz de eliminar toda vida humana na área em que fosse lançada, preservando, no entanto, todas as construções. Segundo Milton Santos, se essa bomba fosse detonada, o que na véspera era espaço, após a explosão, seria apenas paisagem. O espaço, sendo parte constitutiva da sociedade, não existe sem o ser humano e suas ações.

É por isso que o conceito de espaço é central para a produção de um saber geográfico capaz de explicar a sociedade. Além de explicitar as dinâmicas espaciais, o profissional de geografia atua diretamente sobre elas, por exemplo, no planejamento regional e urbano, ou na avaliação do impacto ambiental das intervenções **antrópicas** sobre essas dinâmicas. Nas empresas, o geógrafo pode contribuir nas decisões de localização, nas estratégias de mercado e na organização dos fluxos de suprimento de matéria-prima e de distribuição da produção.

Antrópico: relativo às modificações provocadas pelo ser humano no meio ambiente.

SÉRGIO PEDREIRA/PULSAR IMAGENS



RICARDO AZOURY/PULSAR IMAGENS

A experiência escolar pode variar bastante de acordo com as características do espaço em que ela se desenvolve. As duas fotos mostram escolas públicas com condições bem desiguais: a da esquerda, em Itaparica (BA), e a da direita, em São Bento (MA), ambas de junho de 2019.

A escola, por sua vez, é uma das instituições mais importantes da sociedade global contemporânea, embora a experiência escolar possa variar bastante de acordo com as características do espaço em que ela se desenvolve. O que transforma um espaço em sala de aula é a atividade dos professores com os alunos. Ao mesmo tempo, as condições de trabalho existentes no espaço da sala de aula possibilitam diferentes formas de interação com o mundo.

Uma sociedade desigual, como a que existe atualmente no mundo, produz formas espaciais que tanto espelham as desigualdades como ajudam a reproduzi-las, em todas as escalas. De acordo com o relatório *Situação Mundial da Infância*, publicado em 2012 pela Organização das Nações Unidas (ONU), as crianças que vivem em áreas rurais têm chances menores de acesso à saúde e à educação de qualidade do que as crianças que vivem em áreas urbanas. Isso significa que morar no campo ou na cidade pode ter implicações importantes na qualidade de vida tanto de crianças como de adultos ou idosos.

No entanto, as desigualdades espaciais também estão presentes nas áreas urbanas. Nas grandes cidades do mundo, estudos demonstram que os moradores de bairros ricos e com boa infraestrutura e benfeitorias públicas, como saneamento básico, áreas verdes e equipamentos culturais, tendem a levar vantagem na disputa por empregos bem remunerados e com maior destaque social do que os moradores de bairros carentes e sem infraestrutura, ainda que tenham a mesma renda e formação equivalente. Isso se aplica também a outros aspectos, como desempenho escolar e mesmo à probabilidade de gravidez na adolescência, que diferem fortemente conforme as características do entorno da moradia.

Geografia política e território

O conceito de território, também fundamental em geografia, faz parte da esfera da política, já que é sempre a expressão de um poder que delimita determinadas porções do espaço. A origem desse conceito pode ser encontrada na obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, considerado o fundador da geografia política. Para Ratzel, o território delimitado por fronteiras políticas, ou seja, o Estado, deveria ser o principal objeto de estudo da geografia, já que a construção de um território estatal era vista por ele como a mais importante conquista cultural da humanidade.

Na acepção ratzeliana, **território** é uma porção da superfície terrestre delimitada por uma fronteira política ou submetida a um poder político. O território nacional, por exemplo, está submetido à soberania do Estado, que estabelece as divisões internas, realiza os censos, organiza as informações sobre a população e as atividades econômicas e formula estratégias de desenvolvimento ou de proteção para esse território. Como veremos no capítulo 2, o conceito de território vem ganhando novas camadas de significado, e novas formas de exercer as territorialidades e de teorizar sobre elas vêm surgindo entre os movimentos sociais e os pesquisadores de geografia. Assim como as sociedades, os conceitos também não são estáticos.

No mundo contemporâneo, os fluxos de mercadorias, capitais e informações têm caráter mundial. Mas as fronteiras políticas continuam fragmentando o espaço global em territórios nacionais. O Estado funciona, então, como um intermediário entre a sociedade nacional e a economia mundial. Seu poder se manifesta nos tratados e acordos, políticos ou econômicos, que ele firma com outros Estados.

Também se manifesta nas leis e regras internas que afetam as relações externas do país. Quando assina um tratado de livre-comércio com outros países ou estabelece taxas alfandegárias sobre produtos importados, ou, ainda, promove a construção de um novo porto marítimo ou fluvial, o Estado exerce seu poder de moldar as relações entre a sociedade nacional e a economia mundial.

No Brasil, entretanto, impera uma grande imprecisão conceitual e prática, na qual a noção da terra como propriedade fundiária privada costuma se sobrepor ao conceito de território, área na qual o Estado, em nome da nação, exerce soberania e poder normativo. Isso acontece, por exemplo, quando grupos empresariais buscam impor sua lógica própria no uso e na gestão do território em nome de um direito de propriedade considerado pleno e absoluto, mesmo que essa lógica gere impactos negativos para o conjunto da sociedade. Nesse caso, a terra como recurso econômico se sobrepõe ao território como base da vida material da coletividade, expondo uma das questões de poder fundamentais da época moderna: aquela que envolve estratégias diferentes de produção, gestão e uso dos espaços. De um lado, uma concepção privatista e excludente; de outro, a valorização do espaço como bem público, o reconhecimento dos direitos territoriais dos diversos grupos sociais e a mediação dos conflitos inerentes ao exercício desses direitos.

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Indígenas de várias etnias protestam no Palácio do Planalto contra mudanças na demarcação de suas terras. Brasília (DF), 22 de novembro de 2016.

PARA PENSAR E AGIR

O documentário *Martírio* (dir.: Vicent Carelli, Brasil, 2016. 2h40min) mostra a história de expropriação das terras Guarani-Kaiowá, desde a Guerra do Paraguai até nossos dias, e da luta dos indígenas, em conflito constante com latifundiários, pecuaristas e fazendeiros, que desejam a terra para si. Para esse povo, a terra onde estão enterrados seus ancestrais é sagrada e se tornou um elemento de sua história e identidade.

1. Após assistir ao documentário, sugerimos que você analise seu planejamento de aulas no decorrer do ano letivo e identifique em quais momentos e com quais turmas seria interessante trabalhar os conteúdos do vídeo.
2. Caso alguma turma possa assistir ao documentário, organize um debate sobre o conceito de **direito territorial** com base no movimento dos Guarani.

TCT
Multiculturalismo

Lugar: o espaço da vivência cotidiana

Ao longo da história humana sempre existiram comunidades de pessoas ligadas por vínculos tradicionais. Essas comunidades compartilhavam uma língua ou um dialeto, hábitos, costumes, ritos e festas, uma teia de laços materiais e simbólicos que se reproduziam através do tempo. Compartilhavam também um ambiente físico, no qual realizavam as práticas sociais de produção, consumo e convivência.

Em geografia, o conceito de **lugar** designa o espaço de vivência de um grupo humano. É um ambiente conhecido por seus habitantes, que o utilizam nas atividades cotidianas, sendo assim carregado de afetividade e pontilhado por artefatos sociais ou objetos naturais que servem como pontos de referência e muitas vezes evocam memórias pessoais. Uma aldeia, um povoado e seus arredores, uma pequena cidade, um bairro de uma metrópole: o lugar é uma parte essencial da identidade dos que o habitam.

Nas antigas comunidades, os grupos sociais viviam mais ou menos isolados, ou seja, suas relações externas eram precárias e limitadas em razão do desenvolvimento insuficiente dos transportes e das comunicações. No mundo contemporâneo, o lugar relaciona-se intensamente com o mundo e participa das redes formadas pelos circuitos de mercadorias, circulação de capitais e intercâmbio de informações.

Na esfera do consumo, o lugar experimenta o impacto permanente de novas tendências do mercado global. Na esfera da cultura, sofre a influência de novas correntes de pensamento, da moda em constante mutação e de atitudes políticas ou sociais sempre renovadas. O mundo inteiro, de certa forma, existe em cada lugar. Assim, o lugar se transformou em um lugar no mundo, pois mantém intenso intercâmbio material e cultural com regiões e países distantes.

PARA PENSAR E AGIR

Na obra *Geografia e literatura*, os autores Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão defendem que “a literatura, em todos os seus gêneros, produz uma espécie de conhecimento que cientista nenhum produz. Não o conhecimento objetivo, colado tal como uma descrição ou reprodução de um lugar, mas um conhecimento criativo, que estimula o pensamento e a imaginação” (2010, p. 10).

XX – O Tejo é mais belo

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha

E o Tejo entra no mar em Portugal.

Toda a gente sabe isso.

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia

E para onde ele vai

E donde ele vem.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram.

Ninguém nunca pensou no que há para além

Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.

Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

CAEIRO, Alberto (heterônimo de Fernando

Pessoa). *O Tejo é mais belo*. In: CAEIRO, Alberto.

O guardador de rebanhos. Domínio público.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=15723>. Acesso em:

13 out. 2020.

Sugerimos que você leia esse poema com os alunos e compartilhe com eles suas reflexões. Para debater o conceito de lugar, sugerimos a organização de um sarau de poesia que tenha o lugar da escola como referência. Existem obras na literatura brasileira que façam referência a esse lugar? Em caso positivo, trechos dessas obras podem estar presentes no sarau.

A escolha da geografia

Às vezes, a escolha de cada professor pela carreira do magistério em geografia envolve decisões difíceis que marcam a vida. Leia a entrevista com a professora Ana Cláudia Dundes, que leciona na Escola Estadual Anna de Mello Castriani, no município de Regente Feijó, estado de São Paulo. Pense nas semelhanças e nas diferenças entre a trajetória da professora Ana Cláudia Dundes no magistério e a sua própria.



ARQUIVO PESSOAL

Ana Cláudia Dundes,
professora de geografia.

Por que você escolheu o curso de geografia na graduação? Explique como foi esse seu processo de escolha.

Escolher a área de humanas não foi difícil. Desde a adolescência eu queria criar, escrever. Então pensei em fazer comunicação social. Mas como sou de uma família de agricultores, que planejavam para a filha um casamento com um homem bom e um emprego de bancária, tive que me virar e planejar.

O contato com a Teologia da Libertação me ajudou a definir o que eu queria para minha vida: participar de um projeto de construção de um mundo mais justo. Pensando dessa maneira, não me causou tanto sofrimento abandonar a ideia de cursar comunicação social, longe das possibilidades financeiras, ou história, que me exigiria morar fora do município sem a permissão do pai. Pelo contrário, o *campus* da Unesp de Presidente Prudente, onde cursei geografia, pareceu-me um oásis. Um mundo fértil que se abriu na secura do Oeste Paulista, tão conservador.

Como essa escolha se transformou durante sua formação na graduação? Que experiências você teve na faculdade que foram fundamentais para sua formação como professora de geografia?

Quando entrei no curso de geografia, eu planejava cursar o primeiro ano e depois me transferir para o curso de história, mas bastaram as primeiras aulas de história do Brasil e de geografia humana para eu esquecer essa ideia. A geografia, com suas inúmeras possibilidades e aberturas, logo me encantou. No terceiro ano, passei a me envolver com a pesquisa na área de geografia econômica e política. E, a partir daí, fiquei alguns anos só me dedicando à pesquisa. Dar aulas, em qualquer nível de ensino, não fazia parte dos meus planos. Posso dizer que fui parar na sala de aula quase por acidente. Passei em um concurso da rede pública do Estado de São Paulo!

Descreva para nós alguma experiência marcante como professora de geografia que demonstre a importância dessa disciplina no currículo do Ensino Médio.

Minha prática docente sempre foi acompanhada de pesquisa. Fiz mestrado e doutorado, experimentando as possibilidades de análise que a geografia oferece. Mas e o projeto de construção de um mundo menos excludente e mais justo? E a práxis que eu procurava? Apesar das dificuldades impostas pelo projeto de escola pública que temos no país, me encantei com as transformações que ainda são possíveis. Os frutos dessas transformações são demorados, é quase como cultivar: tem que semear, regar, adubar de sol a sol. Quando menos esperamos, o fruto da árvore bruta, aquela sem enxertia, sem transgenia, aparece. Aparece no menino negro da periferia, que continua pobre mas virou pianista; aparece na menina, aquela rodeada de tantos irmãos que nem sei mais quantos e que hoje é minha colega de geografia; aparece nos meninos e meninas que hoje, ainda que trilhem por esse mesmo mundo injusto que eu pensava que ia ajudar a mudar, carregam um olhar que questiona e uma esperança que move. Muitos ficam pelo caminho, mas, ao caminhar por essas terras áridas da educação, me desconstruo e sigo.

PARA PENSAR E AGIR

Cabe perguntar:

- Em quais atividades os alunos demonstram mais dificuldades?
- Quais discussões envolvem a turma com mais intensidade?
- Os alunos apresentam mais dificuldade na elaboração e na aplicação de conceitos ou no encaminhamento de procedimentos adotados nas atividades?
- A postura dos alunos no exercício do raciocínio geográfico é de interesse e curiosidade?
- Que estratégias você utiliza com intuito de despertar o interesse dos estudantes para o olhar geográfico?

■ Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC

Uma importante referência teórica para o ensino da geografia contemporânea é a obra de Milton Santos. A partir do pensamento desse geógrafo brasileiro, iniciamos este capítulo com uma reflexão acerca do raciocínio que envolve o olhar geográfico sobre uma paisagem (a vista panorâmica da cidade de Salvador). Isso permitiu analisar a produção do espaço a partir da articulação entre diferentes objetos técnicos (edificações, estruturas urbanas). Tal exercício envolve uma das principais tarefas do ensino da nossa disciplina, conforme aponta a BNCC: desenvolver o aprendizado da geografia como uma forma de pensar, tendo em vista o desenvolvimento da autonomia intelectual e a valorização do protagonismo dos jovens.

- Ao aprender a pensar o mundo a partir da análise do espaço geográfico, os estudantes se apropriam do conhecimento científico para formular suas próprias hipóteses e aplicam os métodos de investigação para encontrar respostas às questões que os inquietam. Para isso, espera-se que os estudantes possam extrair informações de imagens e mapas; aplicar conhecimentos na interpretação de fatos; estabelecer relações entre textos com diferentes linguagens; ter disposição para manusear, interpretar e produzir informações; e valorizar o diálogo e a reflexão em sala de aula, sabendo ouvir os outros e expressar suas próprias ideias.

TEMAS TRANSVERSAIS

Os usos da terra

O reconhecimento da terra é o elemento fundamental para a garantia de adequadas condições de vida à população quilombola. O território singulariza o modo de viver e produzir das comunidades quilombolas, as quais sintetizam o significado da terra por meio da ancestralidade, resistência e autonomia do povo negro brasileiro.

Os relatórios técnicos revelam que um Território Quilombola é uma terra em que se dão diversos usos simultâneos: moradia, produção e cultivo, extrativismo, criação de animais, caça, pesca, patrimônio cultural que inscreve na terra atividades de manifestação cultural, religiosa e ritual. As **condutas territoriais** que as comunidades empreendem em seus territórios promovem a proteção desse espaço, afastando invasores e exploradores de recursos naturais, resguardando, assim, a integridade ambiental dessas áreas.

As comunidades quilombolas são um exemplo prático da articulação entre bem-estar humano e bem-estar das matas, das florestas, das águas. No Brasil, os locais onde há séculos vivem essas comunidades são os locais onde a natureza está em harmonia.

[...]

[...] as comunidades têm grande contribuição à construção da nação, deixando-nos um importante legado na constituição da identidade nacional. [...]

INCRA. *Territórios quilombolas*. Relatório 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/igualdade-racial/relatorio-sobre-os-territorios-quilombolas-incra-2012>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

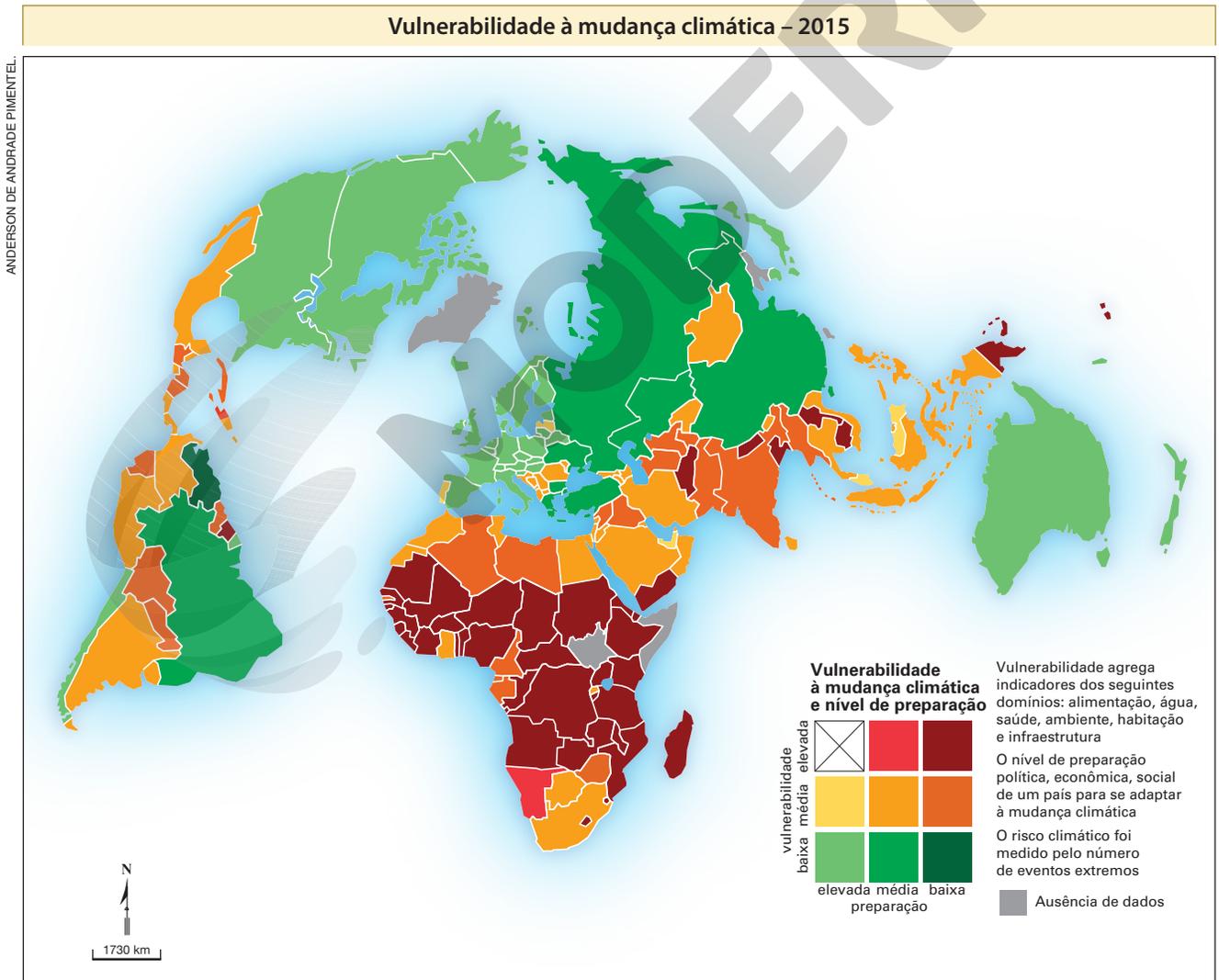
De que maneira o conceito de território é abordado nesse texto? Ele se confunde com a ideia de soberania estatal ou incorpora outros elementos? Sugerimos que esse exemplo seja compartilhado com os estudantes.

■ Oficina de cartografia e de outras linguagens visuais

A representação cartográfica atende a vários propósitos da geografia, entre eles a visualização da ordem espacial e temporal dos fenômenos estudados. O mapa é uma forma de armazenar informações geográficas, registrando, numa superfície plana, a localização dos objetos geográficos, como fábricas, cidades, propriedades rurais, rios e montanhas. Mas o mapa também pode ser uma representação espacial da correlação entre diferentes dados, como a declividade do terreno e pontos de erosão do solo, ou de cenários futuros, como os mapas de vulnerabilidade e risco. Para isso, o geógrafo separa as informações conforme os tipos de dados:

- Nominais: são dados qualitativos referentes a características dos objetos geográficos, bem como a suas semelhanças e diferenças em relação a outros objetos geográficos (por exemplo, países ricos e pobres).
- Ordinais: os dados estão organizados em sequência, variando de um patamar mínimo a um máximo.
- Quantitativos: os dados estão reunidos em classes de números reais, compreendidos entre valores extremos (escala de intervalo) ou representados por taxas e coeficientes.

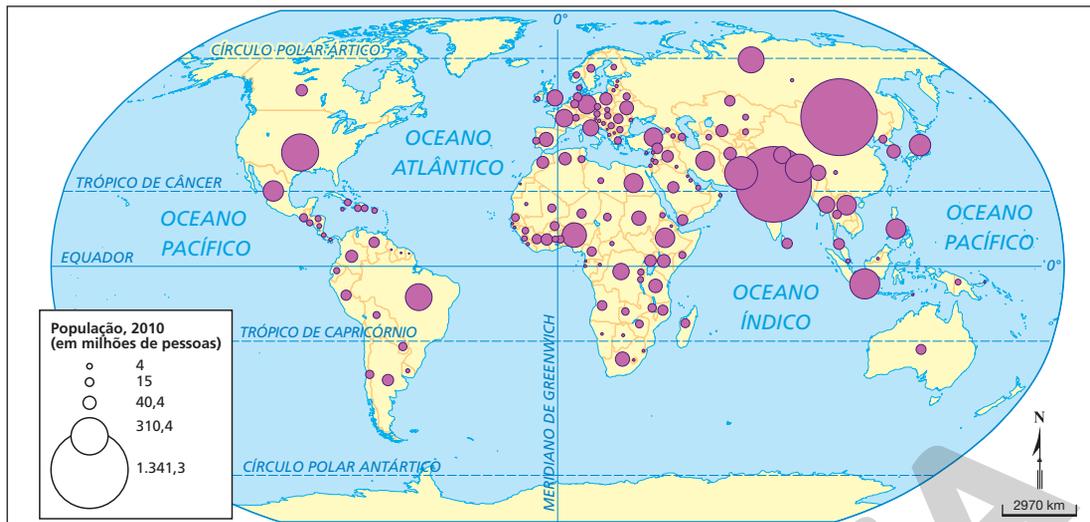
Observe os seguintes mapas:



Dados obtidos em: Global Adaptation Index (index.gain.org). Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/cartes/vulnerabilite-climat>>. Acesso em: 20 out. 2020.

População dos Estados e territórios – 2010

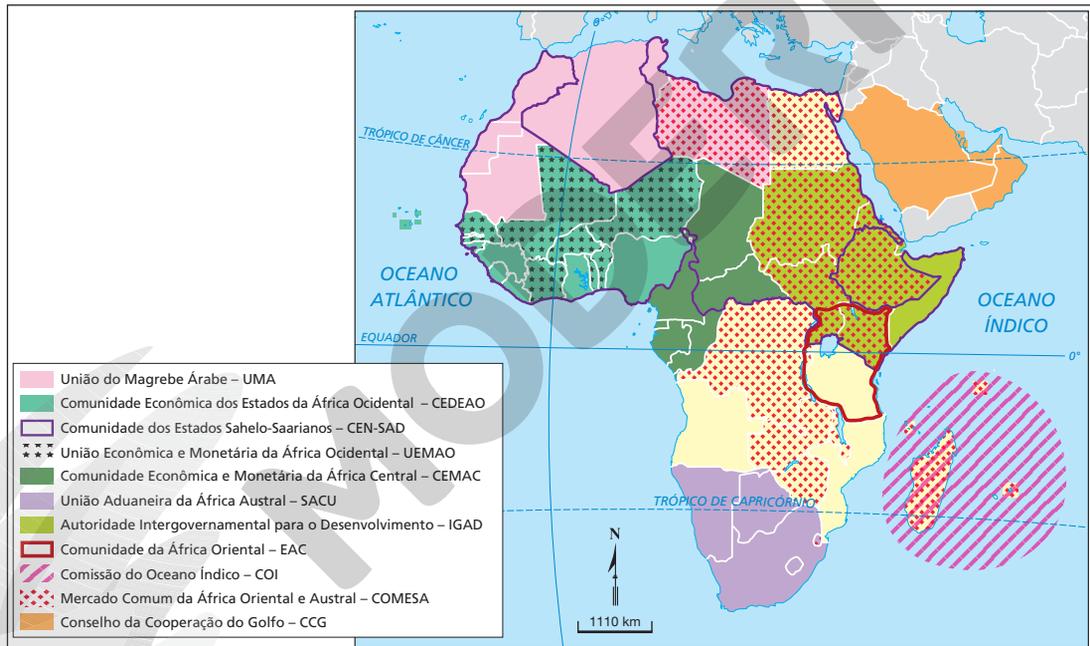
Dados obtidos em:
ONU, Divisão de
População, <<http://www.un.org>>.
Disponível em: <http://cartotheque.sciences-po.fr/media/Espacos_regionais_africanos_com_vocacao_economica_setembro_de_2010/1253>. Acesso em: 20 out. 2020.



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

Espaços regionais africanos com vocação econômica – setembro de 2010

Dados obtidos em: <<http://www.maghrebarabe.org>>; <<http://www.ecowas.int>>; <<http://www.uemoa.int>>; <<http://www.ceeac-eccas.org>>; <<http://www.sadc.int>>; <<http://www.eac.int>>; <<http://www.comesa.int>>; <<http://www.gcc-sg.org>>.
Disponível em: <http://cartotheque.sciences-po.fr/media/Espacos_regionais_africanos_com_vocacao_economica_setembro_de_2010/1253>.
Acesso em: 20 out. 2020.



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

PARA PENSAR E AGIR

Observar e analisar permanentemente o tipo de dado representado nos mapas (nominal, ordinal, quantitativo) pode ser um exercício interessante para os alunos compreenderem a relação entre a linguagem cartográfica e o raciocínio geográfico. No caso do mapa “Vulnerabilidade à mudança climática – 2015”, os dados representados são **ordinais**, pois os países foram ordenados por níveis de vulnerabilidade e de preparação para a mudança climática (baixo, médio e elevado). No mapa “População dos Estados e territórios – 2010”, os dados representados são

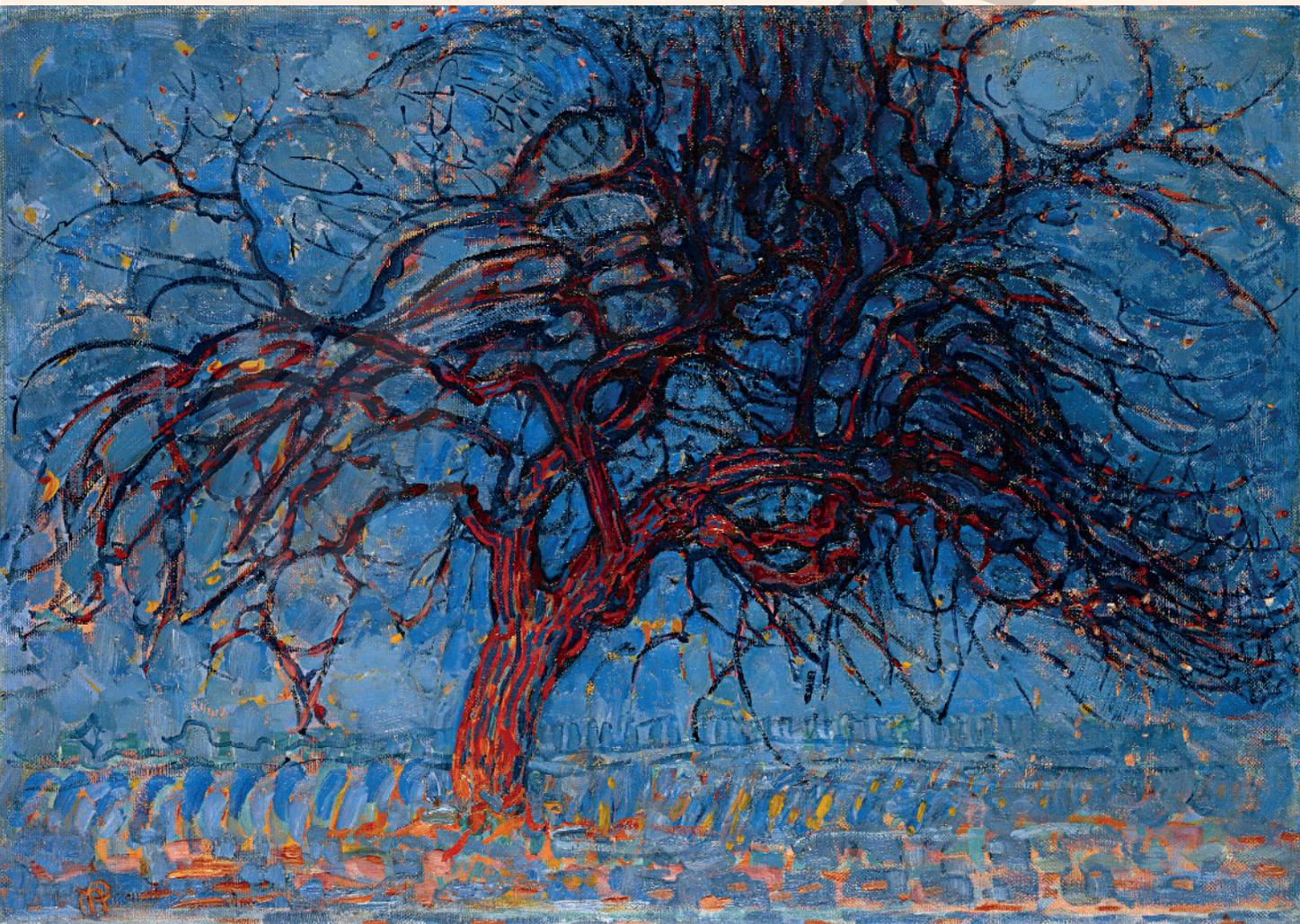
quantitativos, variando conforme o tamanho das figuras geométricas proporcionais. Por fim, no mapa “Espaços regionais africanos com vocação econômica – setembro de 2010”, os dados representados são **nominais**, já que as cores e as texturas representam elementos qualitativamente diferentes (regiões econômicas africanas).

Sugerimos que você identifique na obra didática utilizada na sua escola exemplos de mapas com representações nominais, ordenadas ou quantitativas. Quando possível, incentive os alunos a desenvolver essa forma de analisar mapas.

A interface entre a ciência e a arte é um campo fértil para a reflexão sobre o tema central deste primeiro capítulo: a questão do olhar geográfico. Quais seriam as semelhanças e as diferenças entre o olhar do geógrafo e o olhar de um artista diante de uma mesma paisagem? Que relações se estabelecem entre o sujeito e o objeto tanto nos estudos de geografia como na produção artística?

Um caminho para responder a essas indagações é a apreciação do processo de criação dos artistas, que pode ser revelado por certas características da obra (desde o enquadramento, a composição de luzes e sombras, o uso das cores), pelos temas recorrentes e pelas técnicas e pelos materiais empregados.

A produção artística do pintor holandês Piet Mondrian (1872-1944), por exemplo, é bastante representativa da busca da racionalidade levada às últimas consequências. Para ele, seria impossível conhecer o mundo ao nosso redor sem a percepção visual, mas a essência somente seria alcançada por meio da atitude reflexiva. Foi assim que Mondrian elaborou, progressivamente, uma visão racional das paisagens, com base na identificação de estruturas elementares dos objetos: a linha, o plano, a cor. Assim, observa-se em suas obras um distanciamento gradativo do mundo empírico apreendido pela percepção e o fracionamento do espaço pictórico, na busca de uma arte mais conceitual.



COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE HAIA, HOLANDA

MONDRIAN, Piet. *A árvore vermelha*. 1908-1910. Óleo sobre tela. 70 cm × 99 cm.



MONDRIAN, Piet. *A árvore cinzenta*. 1911. Óleo sobre tela. 79,7 cm x 109,1 cm.

MUSEU MUNICIPAL DE HAIA, HOLANDA



MONDRIAN, Piet. *Composição nº 11*. 1913. Óleo sobre tela. 88 cm x 115 cm.

MUSEU NACIONAL, KRÖLLER-MÜLLER, OTTERLO, HOLANDA

PARA PENSAR E AGIR

Seria interessante você refletir a respeito de sua própria preferência estilística. Da mesma maneira, seria interessante propor uma discussão em sala de aula a respeito das preferências estilísticas dos estudantes. Com qual das obras de Mondrian você e seus alunos mais se identificam e por quais razões? Em que medida as estruturas elementares dos objetos de Mondrian podem ser relacionadas com a formulação de conceitos pela ciência?

Milton Santos (1926-2001) nasceu em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, Bahia. Graduiu-se em Direito e doutorou-se em geografia na França, na Universidade de Estrasburgo, lecionando em universidades da Europa, África, América do Norte e América do Sul. Publicou mais de quarenta livros.

O estudioso jamais perdeu de vista aquilo que distingue o trabalho do geógrafo: a dimensão espacial dos fenômenos. Em sua trajetória, dedicou-se à crítica da tradição geográfica e, principalmente, a erigir um novo edifício conceitual para a disciplina, ajudando a renovar tanto a geografia acadêmica quanto o ensino de geografia no Brasil.

Para Milton Santos, o processo de globalização é também o da emergência de um meio técnico-científico-informacional. No texto a seguir, ele reconstrói a história do meio geográfico, mostra o profundo impacto dos sistemas técnicos sobre o território e enfatiza as especificidades do momento atual, no qual os objetos técnicos são movidos pela energia da informação.

Leia este texto em que Milton Santos fala sobre meios geográficos.

MOACYR LOPES JÚNIOR/FOLHAPRESS



O geógrafo Milton Santos em São Paulo (SP), em 15 de outubro de 1996.

Podemos admitir que a história do **meio geográfico** pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico, o meio técnico-científico informacional. [...]

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. [...]

O período técnico vê a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do “natural” e do “artificial”. Mas o número e a qualidade de artefatos varia. As áreas, os espaços,

Meio geográfico: o mesmo que espaço geográfico.

as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais por objetos técnicos.

[...]

O terceiro período começa praticamente após a segunda guerra mundial, e sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai dar-se nos anos 70. É a fase que R. Richta [...] chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas.

[...]

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*.

Da mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais), a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato.

Antes, eram apenas as grandes cidades que se apresentavam como o império da técnica, objeto de modificações, supressões, acréscimos, cada vez mais sofisticados e mais carregados de artifício. Esse mundo artificial inclui, hoje, o mundo rural. [...]

Cria-se um verdadeiro tecnocosmo [...], uma situação em que a natureza natural, onde ela ainda existe, tende a recuar, às vezes brutalmente. Segundo Ernest Gellner [...], “a natureza deixou de ser uma parte significativa do nosso meio ambiente”. [...]

[...]

Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnicização da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação. [...]

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 156-160.

PARA PENSAR E AGIR

- Depois de levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre meios geográficos, quais exemplos podemos utilizar para caracterizá-los?
- Pensando agora nos seus alunos, qual a importância dessa caracterização para o aprendizado da geografia?

Quem são nossos alunos?

■ Evento escolar: os jovens e o Ensino Médio



MB IMAGES/GETTY IMAGES

O diálogo é um instrumento que leva ao fortalecimento de relações menos hierárquicas e mais democráticas entre professores e alunos.

Há consenso no universo escolar sobre a importância de uma aprendizagem verdadeiramente significativa, capaz de despertar, nos estudantes, a vontade de ampliar seu repertório. Neste capítulo, porém, propomos um exercício um pouco diferente: nosso foco será despertar em você, professor(a), a vontade de ampliar seu repertório sobre a juventude brasileira, foco de nosso trabalho cotidiano. Afinal, para elaborar estratégias didáticas que dialoguem com os projetos de vida, percursos, anseios e o repertório cultural dos nossos alunos é preciso conhecer um pouco mais nossos parceiros no processo de ensino-aprendizagem.

PARA PENSAR E AGIR

As estatísticas nos mostram que ainda há muito a ser feito para garantir o acesso e a permanência dos estudantes no Ensino Médio brasileiro, e não apenas no escopo das políticas educacionais. Entre os problemas destacados (exclusão, atraso e abandono), quais são os maiores obstáculos no cotidiano da sua escola? Para enfrentar esses obstáculos, é preciso ouvir dos próprios estudantes quais são as dificuldades que enfrentam nessa trajetória.

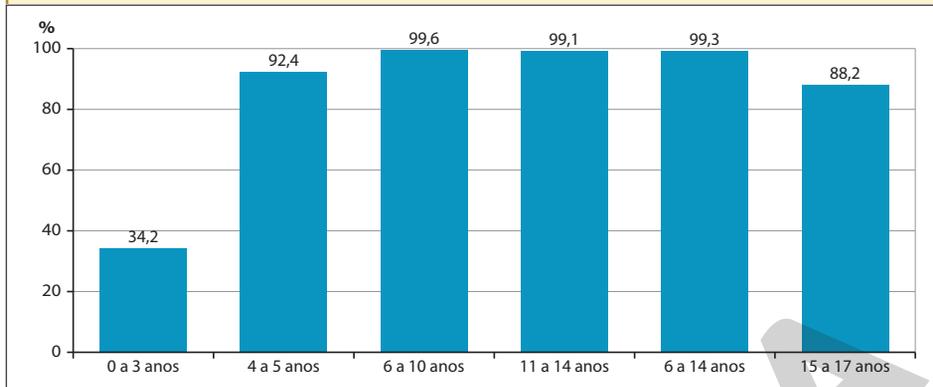
Que tal assistir ao documentário *Espero tua (re)volta* e organizar um debate sobre ele com suas turmas?



Espero tua (re)volta. Direção: Eliza Capai. Brasil, 2019. (1h33min)

Para isso, analisaremos em primeiro lugar a situação dos estudantes brasileiros do Ensino Médio com relação a exclusão, atraso e abandono da escola. Observe os gráficos a seguir.

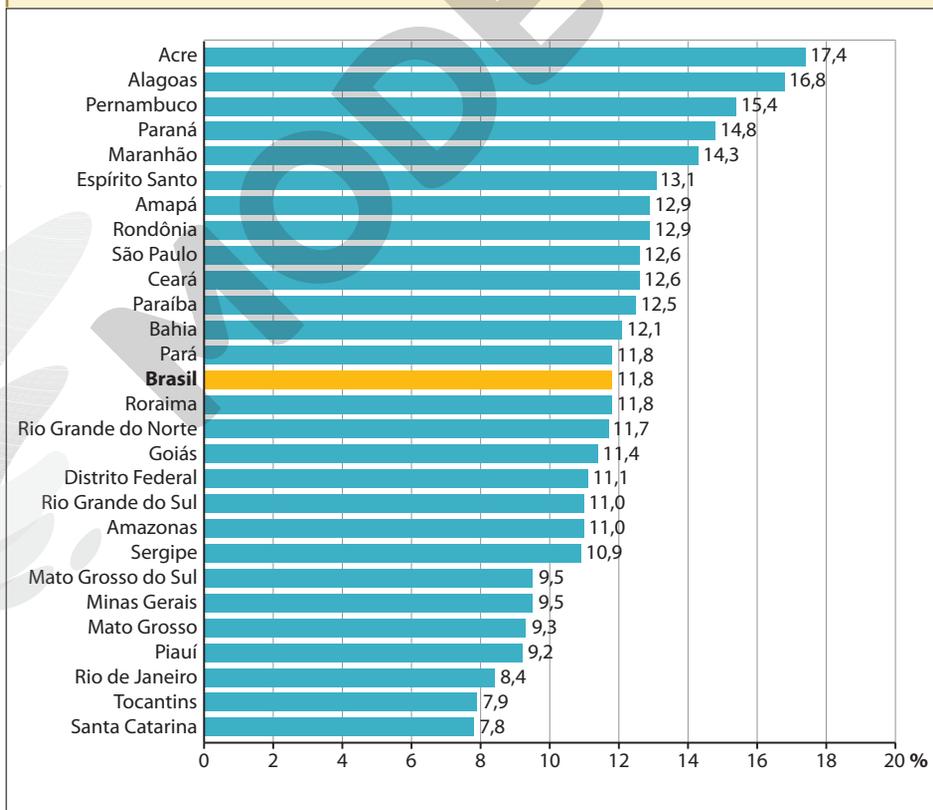
Gráfico 1 – Taxa de frequência escolar bruta, segundo grupos de idade – Brasil – 2018



Dados obtidos em: IBGE, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

A meta 3 do Plano Nacional de Educação (PNE) prevê a universalização da frequência à escola entre os jovens de 15 a 17 anos até 2024. O gráfico a seguir, porém, mostra que 11,8% desses jovens estavam fora da escola em 2018. O Ensino Médio brasileiro ainda é um gargalo, que exclui anualmente milhares de estudantes vindos do Ensino Fundamental.

Gráfico 2 – Percentual de pessoas de 15 a 17 anos que não frequentavam a escola – Brasil – 2018



Fonte: IBGE, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

Há uma geografia da exclusão, já que a porcentagem de jovens brasileiros fora da escola varia de forma significativa entre os estados do país: em Santa Catarina, são menos que 8%; no Acre, mais que 17%. Essa geografia, porém, não é um espelho apenas das desigualdades regionais de renda no país: observe que São Paulo e Paraná, por exemplo, apresentam percentuais maiores do que estados significativamente mais pobres, como Sergipe e Piauí.

Esta tabela apresenta a distorção idade/série em 2018.

Distorção idade-série								
Região	Anos Iniciais		Anos Finais		Ensino Médio		Total	
	n ^{os} absolutos	%						
Centro-Oeste	100.265	10%	183.439	23%	135.621	28%	419.325	19%
Nordeste	649.411	18%	1.104.260	36%	722.361	39%	2.476.032	29%
Norte	316.350	20%	439.543	37%	317.085	45%	1.072.978	31%
Sudeste	369.893	8%	746.167	20%	623.353	24%	1.739.413	16%
Sul	149.690	9%	365.135	26%	252.068	30%	766.893	20%
Total	1.585.609	13%	2.838.544	28%	2.050.488	31%	6.474.641	22%

Fonte: UNICEF. *Reprovação, distorção idade-série e abandono escolar*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/6151/file/reprovacao_distorcao_idade-serie_abandono_escolar_2018.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

Em 2018, mais de 2 milhões de estudantes do Ensino Médio brasileiro apresentavam pelo menos dois anos de atraso escolar, também conhecido como distorção idade/série. O atraso escolar é fortemente influenciado pela renda: considerando os jovens de 15 a 17 anos de idade, o atraso era 4 vezes maior entre os pertencentes aos 20% da população com os menores rendimentos (33,6%) em comparação com os 20% com os maiores rendimentos (8,6%). Em razão das desigualdades regionais, o problema é mais grave nas regiões Norte e Nordeste, como se pode verificar na tabela anterior. Em ambas as regiões, o atraso começa nos anos iniciais do Ensino Fundamental e se agrava ao longo de toda a trajetória escolar. Mesmo na Região Sudeste, a mais bem colocada nesse *ranking*, 1 em cada 5 alunos no Ensino Fundamental apresenta pelo menos dois anos de distorção entre a idade e a série que cursa.

Veja agora a tabela que mostra o abandono escolar em 2018.

Abandono escolar			
ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	
Anos Iniciais	Anos Finais		
1.585.609 [12,90%]	2.838.544 [27,90%]	2.050.488 [31,42%]	

Um total de 912.524 crianças e adolescentes deixaram a escola em 2018. Mais da metade (50,6%) abandonaram no Ensino Médio. A Região Nordeste tem o maior número, com 342.316 estudantes que deixaram as salas de aula.



ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
Anos iniciais	Anos finais	
316.350 [19,81%]	439.543 [36,71%]	317.085 [44,74%]
649.411 [18,40%]	1.104.260 [36,41%]	722.361 [38,69%]
369.893 [8,12%]	746.167 [20,08%]	623.353 [23,77%]
149.690 [9,10%]	365.135 [25,54%]	252.068 [29,60%]
100.265 [10,44%]	183.439 [23,04%]	135.621 [28,40%]

Fonte: UNICEF. *Reprovação, distorção idade-série e abandono escolar*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/6151/file/reprovacao_distorcao_idade-serie_abandono_escolar_2018.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2020.

Além dos estudantes que sequer ingressam no Ensino Médio, uma enorme porcentagem deles abandona a escola antes de completar essa etapa. Mais da metade dos estudantes que deixaram a escola em 2018 cursavam o Ensino Médio. Assim como acontece com o atraso, a renda é um fator determinante para o abandono: 11,8% dos jovens entre 15 e 17 anos pertencentes aos 20% da população com os menores rendimentos haviam abandonado a escola sem concluir a educação básica obrigatória; entre os pertencentes aos 20% da população com os maiores rendimentos, 1,4 havia abandonado a escola sem concluir essa etapa. Assim como acontece com o atraso escolar, a evasão se intensifica ao longo da trajetória e é maior nas regiões Nordeste e Norte; nesta última, quase 45% dos ingressantes no Ensino Médio desistem da escola.

■ Práticas em geografia

Reflexão: os territórios como práticas da geografia

A aprovação da BNCC e sua implantação nos colocam em uma situação inédita como professores de geografia do Ensino Médio. Embora as abordagens inter e transdisciplinares ocupem lugar de destaque nos parâmetros e propostas curriculares oficiais há pelo menos três décadas, e já estejam incorporadas à nossa prática pedagógica, chegou a hora de compartilharmos materiais didáticos com nossos colegas da área de ciências humanas.

Nesse sentido, o ensino de cada disciplina está sendo reposicionado no contexto da sala de aula para tornar o diálogo com as demais disciplinas ainda mais importante. Evidentemente, esse diálogo será mais produtivo se tivermos clareza da importância de pensar a sociedade por meio de sua dimensão espacial, com as ferramentas conceituais próprias da geografia. Afinal, sabemos que a geografia é um saber essencial no conceito das demais disciplinas, já que a dimensão espacial da sociedade incorpora um conjunto de questões fundamentais para a compreensão do mundo, a intervenção consciente na realidade e, em consequência, para a escola.

Questões como o direito à cidade, as novas configurações do campo, a igualdade étnica e a de gênero, a preservação e a conservação da biodiversidade, o enfrentamento da emergência climática, os conflitos nacionais e internacionais, os impactos da economia-mundo no âmbito local e global e as influências das novas tecnologias no cotidiano do cidadão-mundo continuam a fazer da geografia um saber necessário à formação de cidadãos sujeitos de sua história e atuantes em seus espaços.

Assim como o diálogo com as outras disciplinas, também o diálogo com os estudantes vem sendo valorizado pelos documentos públicos e pelas novas abordagens pedagógicas. Nesse sentido, busca-se a consolidação de um ambiente escolar verdadeiramente democrático, no qual professores e alunos estejam efetivamente engajados nas atividades curriculares. A ideia de que os estudantes devam ser protagonistas de sua própria trajetória escolar abre novas perspectivas que transcendem o ambiente escolar. Afinal, o protagonismo pode e deve se materializar na integração entre a escola e a comunidade, por exemplo, com a transformação da escola em espaços públicos de debate.

Não apenas nossos jovens, mas o conjunto da sociedade brasileira tem muito a ganhar se as culturas do debate, da defesa de uma posição mediante argumentos e do respeito às posições contrárias fizerem parte de uma formação escolar aberta à comunidade, de forma que famílias, líderes comunitários e representantes do poder público nos auxiliem na construção dessa pluralidade, como ocorre em diversos países do mundo.

TCT
cidadania e civismo

Para além do debate, a integração entre a escola e a comunidade vem sendo discutida com base em um conceito muito caro a nós, professores de geografia. Os chamados **territórios educativos**, ou mesmo a noção de **cidades educadoras**, cada vez mais presentes nos fóruns de debate sobre modelos educacionais verdadeiramente democráticos, partem exatamente do pressuposto de que a sociedade se revela nos padrões espaciais que produz, e que a dimensão espacial traz consigo um imenso potencial pedagógico.



Equipamentos de esporte e lazer têm sido instalados em praças das cidades brasileiras, atraindo jovens e outros grupos sociais para o convívio no espaço público. Parque Municipal Zilda Natel, São Paulo (SP), agosto de 2014.

O conceito de território educativo finca raízes na ideia de território vivido, formulada pelo geógrafo Milton Santos. Nessa concepção, o território é o espaço onde se desenrolam a vida e as relações humanas. Como sabemos, território é um conceito polissêmico, que incorporou novas camadas de significado ao longo da história do pensamento geográfico.

As teses ratzelianas clássicas argumentavam que o poder político não diz respeito apenas ao povo, mas emana de um território delimitado por fronteiras e, por isso mesmo, só poderia se manifestar como poder estatal. Em larga medida, essa aceção do conceito de território continua presente na geografia escolar do século XXI. Via de regra, o território é apresentado nas obras didáticas e nos materiais de apoio como uma porção da superfície terrestre delimitada por uma fronteira política e submetida a um poder estatal exercido por um conjunto de instituições governamentais que regulam a vida política da sociedade. A aceção clássica, porém, desconsidera os vários sentidos incorporados a esse conceito na contemporaneidade.

Nas últimas décadas, assistimos a uma proliferação das lutas sociais protagonizadas por povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, que incorporaram aos seus territórios uma dimensão simbólica e cultural de pertencimento e ancestralidade e, com base nela, organizaram movimentos reivindicativos. No vocabulário desses movimentos, é preciso considerar os territórios na elaboração de políticas públicas, a fim de respeitar as realidades locais e o direito à alteridade.



Alunos da USP elaboram cartaz antes de protesto contra corte de verbas para universidades, 15 de maio de 2019. Os estudantes brasileiros têm sido protagonistas em movimentos de defesa de suas escolas e em manifestações políticas em ruas e praças públicas.

Os territórios educativos se apresentam como um leque de práticas inovadoras, que transformam ruas, associações comunitárias, feiras livres e museus em parte integrantes do processo pedagógico, envolvendo não apenas os estudantes, mas também suas famílias e comunidades e incorporando espaços urbanos ao currículo das escolas de modo que os alunos possam ao mesmo tempo aprender e se apropriar desses espaços, além de realizar intervenções para torná-los melhores e mais inclusivos. Trata-se, ao mesmo tempo, de “aprender a cidade, aprender na cidade e aprender com a cidade” (CIDADE Educadora, 2014). Os professores de geografia têm um papel fundamental não apenas na transformação dos territórios do entorno escolar em territórios educativos, mas também na criação de estratégias pedagógicas que aproximem os alunos de iniciativas similares em curso no mundo todo.

PARA PENSAR E AGIR

A ideia das cidades educadoras implica não apenas estimular a saída esporádica para passeios ou fazer visitas culturais, mas também incorporar os espaços urbanos ao currículo das escolas, de forma que os alunos ao mesmo tempo aprendam, se apropriem desses espaços e realizem intervenções que possam torná-los melhores e mais inclusivos. É fundamental valorizar o uso e a apropriação dos equipamentos urbanos como parte do exercício do direito à cidade, proporcionando reflexões acerca dos conceitos e de sua aplicação em sala de aula.

1. Sugerimos que você assista ao filme *Últimas conversas*, em que o cineasta e documentarista Eduardo

Coutinho entrevista jovens que cursam o Ensino Médio no Rio de Janeiro. O desafio é produzir um olhar geográfico sobre o filme, procurando responder como a cidade está presente no imaginário desses jovens e como as experiências apresentadas se relacionam com a realidade das turmas.

2. Depois, crie rodas de conversa com os estudantes para que eles relatem experiências de uso do espaço público na comunidade onde residem ou nos arredores da escola.

3. Por fim, discuta com os estudantes propostas de intervenção para ampliar as práticas territoriais da turma.

A aproximação da linguagem dos jovens visa contribuir para o aumento de sua participação ativa e para seu processo de conhecimento acerca dos múltiplos aspectos da vida social. Enfim, os estudantes devem se sentir livres para criar a representação que considerarem mais adequada para o tratamento dos temas estudados, inclusive para representar os territórios educativos mencionados anteriormente. Sugerimos que você incentive seus alunos a construir mapas semelhantes, utilizando diferentes tipos de materiais, como sucata, sementes, areia e argila, para vivenciar diversas experiências de representação espacial. Se possível, a organização de exposição com os resultados obtidos pela turma irá incorporar a linguagem juvenil à cartografia, como forma de expressão dos conteúdos trabalhados em sala de aula e de assimilação das dinâmicas espaciais.

Segundo o geógrafo Eugênio Pacelli da Fonseca, no livro *Cartografia escolar: a cartografia da sala de aula*, o mapeamento temático se desenvolveu para conhecimento e controle, pelo ser humano, do espaço que o cerca. Esse autor afirma que “o artista que trabalha com mapas também tem preocupações com o espaço. Preocupações essas, contudo, mais ligadas à subjetividade e à imponderabilidade dos significados que o espaço pode adquirir na vida das pessoas comuns” (FONSECA, 2016, p. 149).

É por isso que estamos destacando a importância do uso mais amplo e flexível da linguagem cartográfica. Como forma de linguagem visual, ela não é somente representação espacial, mas também resultado da busca incessante por uma linguagem que represente a realidade das pessoas nela inseridas. Dessa forma, estaremos contribuindo para uma compreensão mais ampla da cartografia, que vá além da leitura e da produção de mapas rigorosamente técnicos. Pelo contrário, o uso do mapa no ensino de geografia não é um fim em si mesmo.

Ao se apoderar do mapa para visualizar a ordem espacial e a temporal dos fenômenos estudados, o estudante dá início a um desafio muito maior: a compreensão do espaço em transformação ou de fenômenos em movimento no espaço. Isso aponta para a necessidade de trazer para o contexto pedagógico outras formas de representação espacial, elaboradas pelos jovens estudantes brasileiros. A própria ciência vem enfrentando esse problema, avançando nas interfaces com outras linguagens e buscando novas alternativas metodológicas que considerem as estratégias de sobrevivência de diversos atores sociais na disputa pelo poder ou no processo de elaboração do entendimento das mudanças que estão ocorrendo em suas vidas.

MICHAEL TOMPSETT



Os mapas expressam uma visão de mundo, mesmo quando dispensam a técnica cartográfica. Nesse caso, o artista Michael Tompsett sugere um mundo iluminado, em obra de 2011, intitulada *World Map Light Writing* (Mapa-múndi desenhado com luzes).

■ Promoção da saúde

Alimentação adequada

Neste capítulo, o tema central são os jovens brasileiros, especialmente aqueles que estão cursando o Ensino Médio.

De acordo com o *Guia alimentar para a população brasileira*, as gerações mais jovens estão perdendo os hábitos alimentares típicos da nossa cultura, consumindo cada vez menos alimentos *in natura* ou minimamente processados de origem vegetal (arroz, feijão, mandioca, batata, legumes e verduras) e preparações culinárias à base desses alimentos e trocando-os por produtos industrializados prontos para consumo. Os alimentos industrializados, com a adição de sal, açúcar ou outra substância para aumentar sua durabilidade, alteram de modo desfavorável a composição nutricional dos alimentos dos quais derivam.

Infelizmente, o aumento no consumo de alimentos processados está associado a doenças do coração, obesidade e outras doenças crônicas, motivo pelo qual devem ser evitados.

Faça agora uma reflexão sobre seus hábitos alimentares na juventude e no decorrer de sua vida profissional. Você acha que sua alimentação é mais adequada atualmente? Utilize o quadro a seguir para essa análise.

ALIMENTOS *IN NATURA* OU MINIMAMENTE PROCESSADOS

O que são?

Alimentos *in natura* são obtidos diretamente de plantas ou de animais e não sofrem qualquer alteração após deixar a natureza.

Alimentos minimamente processados correspondem a alimentos *in natura* que foram submetidos a processos de limpeza, remoção de partes não comestíveis ou indesejáveis, fracionamento, moagem, secagem, fermentação, pasteurização, refrigeração, congelamento e processos similares que não envolvam agregação de sal, açúcar, óleos, gorduras ou outras substâncias ao alimento original.

Exemplos:

Legumes, verduras, frutas, batata, mandioca e outras raízes e tubérculos *in natura* ou embalados, fracionados, refrigerados ou congelados;

arroz branco, integral ou parboilizado, a granel ou embalado;

milho em grão ou na espiga, grãos de trigo e de outros cereais;

feijão de todas as cores, lentilhas, grão-de-bico e outras leguminosas;

cogumelos frescos ou secos;

frutas secas, sucos de frutas naturais e sucos de frutas pasteurizados e sem adição de açúcar ou outras substâncias;

castanhas, nozes, amendoim e outras oleaginosas sem sal ou açúcar; cravo, canela, especiarias em geral e ervas frescas ou secas;

farinhas de mandioca, de milho ou de trigo e macarrão ou massas frescas ou secas feitas com essas farinhas e água;

carnes de gado, de porco e de aves e pescados frescos, resfriados ou congelados;

leite pasteurizado, ultrapasteurizado "longa vida" ou em pó, iogurte (sem adição de açúcar);

ovos;

chá, café e água potável.

Fonte: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Brasília. 2014. p. 29. [Adaptado.] Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

■ Atividades formativas e avaliativas baseadas na BNCC

Como avaliar a participação dos estudantes

A discussão sobre as atividades formativas e avaliativas da BNCC do presente capítulo tem como tema central a avaliação da participação dos estudantes em experiências que envolvam uma atitude de questionamento, dúvida e curiosidade dos jovens diante de situações reais e que alimentam neles seus próprios sonhos e desejos de transformação do mundo exterior e interior. Na medida em que *currículo* é um termo polissêmico, a abordagem curricular depende do entendimento do papel da educação na sociedade. No presente capítulo, importa-nos situar a avaliação da participação no contexto da reforma curricular que está sendo implantada no Brasil.

Com base em referências importantes encontradas na *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* (UNICEF, 1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) nos princípios propostos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS *et al.*, 1998), os educadores brasileiros participaram de um intenso debate que definiu o deslocamento das experiências curriculares, até então centradas no ensino, para o currículo centrado na aprendizagem. (Todos os documentos citados neste item se encontram nas referências bibliográficas, incluídas na apresentação do livro.)

A *Base Nacional Comum Curricular* o principal documento que sintetiza os princípios norteadores dessa abordagem curricular. De acordo com suas referências, as experiências de ensino-aprendizagem teriam como tarefa a educação dos aprendizes para maior flexibilidade de pontos de vista, assim como a criação de oportunidades para que desenvolvam a capacidade de avaliar valores éticos, criatividade e espírito inventivo. Assim, a aprendizagem deve ser relacionada a processos mais amplos de construção da leitura de mundo, de problematização dos conteúdos da vida social, estimulando novas formas de pensar, novas formas de perguntar pelos fatos e de duvidar deles.

Em consonância com essa abordagem dos conhecimentos, mais preocupada com a complexidade e a flexibilidade do pensamento, o que cabe aos educadores é a elaboração e a implantação de projetos de ensino que respeitem a diversidade cultural e os valores específicos de cada comunidade. Isso aponta para a necessidade de trazer para a experiência curricular todas as formas de conhecimento, agrupadas e reagrupadas em disciplinas específicas ou em projetos, programas e atividades que superem a fragmentação disciplinar. Da mesma forma, aponta para estratégias de avaliação que considerem a experiência escolar em suas múltiplas dimensões e escalas, e envolvam ainda experiências de integração e de intervenção nos territórios.

De acordo com a BNCC, o deslocamento do currículo centrado no ensino para o currículo centrado na aprendizagem significou um grande avanço na democratização da educação brasileira. Assim, a garantia do direito à educação não passa apenas pela universalização do acesso à escola, mas também pela mudança na relação com o conhecimento.

Dentro desse paradigma curricular, estaria em curso uma profunda mudança no papel do professor. No novo contexto de ensino-aprendizagem, o professor deve ser considerado orientador e mediador da construção do conhecimento pelo aprendiz. Ele deve procurar sistematizar e organizar os conceitos científicos para a linguagem do educando, respeitando seu momento de aprendizagem. Além disso, para propiciar a socialização do conhecimento entre os alunos, o professor deve garantir um ambiente de oportunidades equânimes de falar, pensar e agir. Isso exige, por um lado, familiaridade com os problemas e as questões da nossa época e, por outro, ousadia no planejamento das atividades didáticas. Esses são elementos fundamentais para despertar nos aprendizes a inquietação e, ao mesmo tempo, a segurança diante de novos conhecimentos.

Nesse processo, o ensino de geografia tem importância fundamental, uma vez que o objetivo central desse componente curricular é a formação do pensamento crítico, capacitando o estudante a compreender a sociedade em sua dimensão espacial, envolvendo a problematização e o aprofundamento dos conteúdos fundamentais da realidade social. Para isso, é preciso criar oportunidades para que o jovem desenvolva a capacidade de avaliar questões com base em seus próprios valores, manipulando dados e informações de forma metódica, dinâmica e numa visão prospectiva. Ao aprender a pensar o mundo por meio do espaço geográfico, os alunos se apropriam do conhecimento científico para formular suas próprias hipóteses e aplicar métodos de investigação para encontrar respostas às questões que os inquietam.

PARA PENSAR E AGIR

1. Você é o mediador da relação do aluno com o conhecimento científico, organizando o grupo e priorizando atividades que possam ser mais significativas para a aprendizagem, de acordo com a realidade e o perfil da turma. Para isso, é importante analisar:
 - Os alunos utilizam as habilidades adquiridas no decorrer do ano letivo, como leitura e interpretação de texto, pesquisa e generalização de conceitos?
 - São capazes de estabelecer relação entre essas diferentes habilidades?
 - Os alunos se posicionam diante dos problemas apresentados?
 - O que você faz para tornar o ambiente propício para questionamentos? Formula perguntas?
 - Você propõe polêmicas para que reflitam e opinem? Deixa que explorem ao máximo suas ideias, expondo pontos de vistas diferentes e até mesmo contraditórios?
2. Uma ação interessante é identificar e mapear os líderes entre os estudantes, para que protagonizem ações na escola e estimulem todos os colegas a participar, não apenas aqueles que têm bom desempenho..
3. Também pode ser muito produtivo planejar atividades para possibilitar a elaboração individual, a troca, o confronto de ideias e o processo de síntese.
4. Propor avaliações em grupo sobre propostas realizadas conjuntamente pode ser uma boa forma de os estudantes aprenderem a dar *feedback* uns aos outros e a ouvir o que os colegas têm a dizer. Cuide para que isso seja feito de forma respeitosa e sem causar constrangimentos.

A nova luta das mulheres

O feminismo do século XXI se multiplica em várias tendências. E usa a tecnologia digital para difundir a ideia de que a igualdade entre os sexos ainda é uma ilusão

As feministas estão de volta à luta. Décadas depois dos protestos pela liberação sexual, nos anos 1960, e mais de um século depois da campanha pelo direito ao voto – causas que uniram gerações inteiras de mulheres –, um feminismo novo e multifacetado está emergindo dos blogs e redes sociais. Muitas das novas militantes são mulheres jovens, educadas na era digital, que passaram a juventude inteira ouvindo que homens e mulheres já tinham direitos iguais. Com a chegada à vida adulta e ao mercado de trabalho, elas depararam com inúmeros sinais de que a igualdade entre os sexos ainda é uma ilusão – e decidiram se organizar para fazer algo a respeito. Alguns especialistas já descrevem esse fenômeno como o surgimento da quarta onda feminista, para diferenciá-lo dos três outros grandes momentos do feminismo no século XX. Há até quem tenha trocado a palavra “feminismo” por “feminismos” – assim mesmo, no plural. Em vez de formar um movimento único, como no passado, as novas feministas formam vários grupos distintos. Suas causas muitas vezes são semelhantes, mas cada um tem sua visão de feminismo e sua estratégia para buscar mais igualdade. [...]

O despertar de um novo feminismo na internet também deu voz a outros grupos, que o movimento feminista tradicional não representava. É o caso do transfeminismo, uma corrente que defende o fim da discriminação não só contra as mulheres, mas também contra as pessoas que não se identificam com comportamentos ou papéis esperados para pessoas de seu sexo. Entre os grupos incluídos na corrente estão os transexuais (aqueles que têm o desejo de viver e ser aceitos como alguém do sexo oposto) e os transgêneros (desde quem se identifica com o gênero oposto até quem se considera parte homem e parte mulher). “Hoje, não é possível ser aquela feminista que só pensa nos direitos das mulheres”, diz Lola [Aronovich]. “É preciso debater os direitos de todos.” [...] O uso de ferramentas tecnológicas como sites de vídeos e redes sociais é uma das principais características do novo feminismo. Os estudiosos do movimento feminista costumam dividir sua história em três grandes etapas – cada uma delas caracterizada por suas bandeiras e pela incorporação de novos desafios. A primeira onda, no início do século passado, foi marcada pela luta da conquista do poder político, especialmente o direito ao voto. A segunda onda, da década de 1960 até a década de 1980, lutou pelo fim da discriminação e pelo fim de uma estrutura de comando em que somente os homens tinham acesso ao poder.

A terceira onda feminista teve início a partir da década de 1990 e contestou as omissões do movimento anterior. Combatia as definições da mulher típicas da segunda fase, que se baseava apenas nas experiências das mulheres brancas de classe média alta americanas e britânicas. Atualmente, especialistas discutem ainda se estaríamos diante de uma quarta fase do feminismo, definido pelo uso das tecnologias para construir um movimento popular forte, reativo e multifacetado na internet. [...].

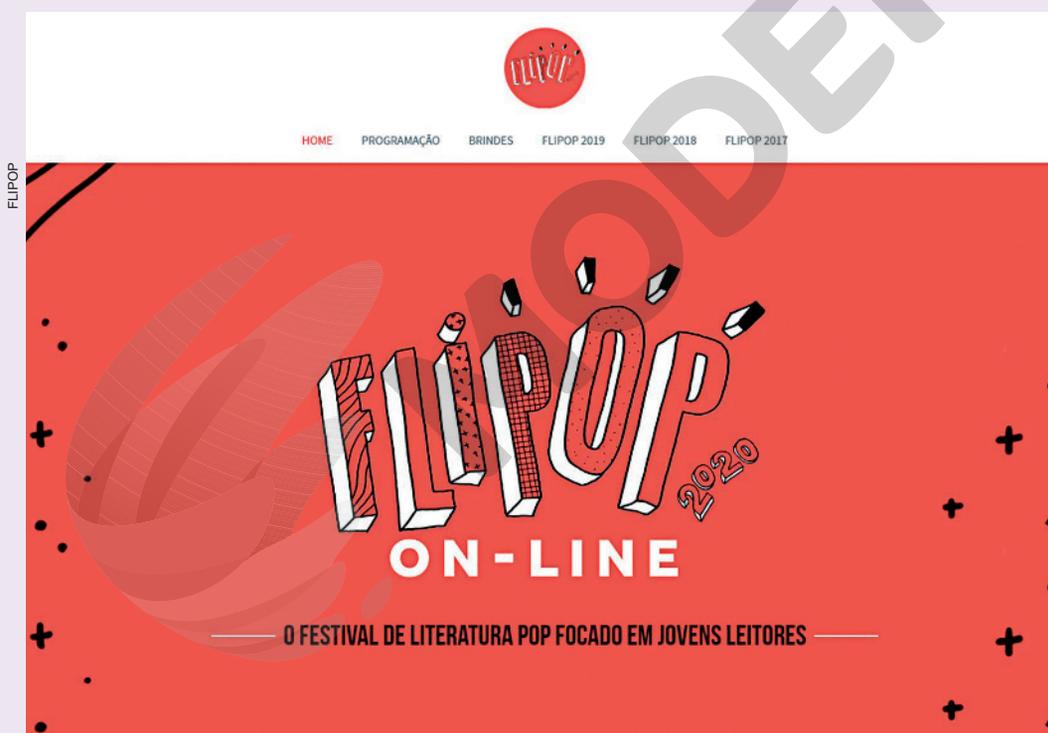
OLIVEIRA, Grazielle; KORTE, Júlia. A nova luta das mulheres. *Época*, 6 fev. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bnova-lutab-das-mulheres.html>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Na sua opinião, é possível pensar em geografia em uma perspectiva de gênero? O desenho das cidades por exemplo, especialmente dos espaços públicos e de convivência, pode ser objeto de pautas feministas? Que tal discutir com a turma esse tema em sala de aula?

Entrevista com Nécio Turra Neto: o estudo das juventudes no Brasil

Num planeta cada vez mais urbanizado, a cultura jovem tornou-se uma das matrizes dessa mudança, profundamente associada ao referente da rebeldia. Em sentido mais amplo, a cultura jovem é uma invenção moderna. Desde a Revolução Francesa, os jovens vêm se tornando cada vez mais protagonistas de muitos movimentos artísticos e políticos. Envolveram-se no debate sobre os pressupostos da democracia, participaram da formulação de projetos políticos alternativos – como o anarquismo e o socialismo – e na expressão de numerosos movimentos artísticos.

A heterogeneidade de interesses e expectativas dos jovens é enorme, de modo que é preciso considerar as juventudes, no plural. Vivendo a adolescência, muitos se encontram abertos a novas experiências afetivas e emocionais, enfrentando e transgredindo padrões de comportamento impostos. Por isso, as juventudes se expressam como agentes catalisadores e propagadores de um estilo moderno e cosmopolita. Os jovens organizaram-se em torno de movimentos culturais e atuam socialmente como difusores de estilos de vida centrados na música, no lazer e no consumo de produtos identificados com sua cultura. Em razão disso, há um crescente interesse por estudos das demandas juvenis em diversas áreas das ciências humanas, aprofundando-se o debate sobre as questões que envolvem a igualdade, a democracia e a incorporação da pauta dos jovens aos direitos e às políticas públicas.



O debate sobre gêneros literários, representatividade e leitura na adolescência alcança um público crescente nas feiras literárias voltadas para esse público. Na foto, a página de abertura da 4ª edição da Flipop, excepcionalmente realizada em ambiente virtual em 2020.

Na geografia brasileira não poderia ser diferente. Há um interesse cada vez maior no desenvolvimento de estudos sobre o tema. Entre os geógrafos brasileiros que estudam as juventudes, destaca-se o professor doutor Nécio Turra Neto. Vejamos o que ele pensa sobre o assunto, na entrevista dada para esta obra.



Nécio Turra Neto, professor do Departamento de Geografia da Unesp de Presidente Prudente (SP).

Quando começou seu interesse pelo estudo da juventude?

Tudo começou com a proposição de um objeto de estudo (a cultura *punk* em Londrina), que, naquele período de fins dos anos de 1990, parecia só poder se tornar objeto de estudo da geografia a partir do conceito de território! Essa proposição me colocava em sintonia com um movimento mais amplo que acontecia na geografia brasileira naquele momento, em que, por um lado, havia uma afirmação de temáticas culturais como objetos de estudo legítimos da geografia e, por outro, uma espécie de redescoberta e renovação do conceito de território.

Que renovação era essa acerca do conceito de território?

Dois conjuntos de mudanças paralelas estavam em curso naquele momento (eu diria, como tendências já bem consolidadas) e criaram um contexto favorável para que o conceito de território ganhasse centralidade na geografia brasileira e fosse acionado para incorporação de temas culturais como objetos de estudo. O primeiro conjunto tem relação com as transformações na vida social com a globalização e o aprofundamento da modernidade, que apontavam para enfrentamentos, conflitos e tensões no campo da cultura. Trata-se da ampliação dos contatos culturais, da grande difusão dos meios de comunicação de massa e da cultura do consumo, dos efeitos disso na vida cotidiana. O segundo conjunto de mudanças tem a ver com o modo como o campo científico passou a reconhecer que não daria conta de compreender as grandes transformações e debates do nosso tempo se não se voltasse para a compreensão da cultura como uma dimensão central da vida social. Em sintonia com o movimento de renovação crítica na geografia brasileira dos anos de 1980 em diante, que se voltava para o estudo dos movimentos sociais e dos grupos sociais excluídos – para a qual o conceito de território também se tornou importante –, há uma vertente da trajetória da geografia cultural, já nos anos de 1990 no Brasil, que passa a se preocupar com algumas “minorias” (no sentido dos que têm menos poder) da nossa sociedade, como mulheres, negros, LGBTQ+, jovens (como meu caso), uma vertente que encara justamente a cultura como um “território contestado”. Os percursos desses estudos são também eles bastante plurais como as trajetórias das geografias feministas e *queer*, por exemplo.

Por que a vida dos jovens favorece essa discussão sobre o território?

A partir do conceito de território, libertado da perspectiva que o limitava aos contornos do Estado Nação, uma série de ações políticas e relações de poder, mediadas pelo espaço, puderam enfim entrar na geografia, que então se abria em direção aos sujeitos sociais, suas práticas e subjetividades. Território como campo de forças que delimita uma alteridade; territorialidades flexíveis, descontínuas – pontos articulados pelas práticas dos sujeitos pelas quais ganham sentido e unidade. Na cena *punk* londrinense, por exemplo, é possível identificar pontos de encontro, bares e festas, algumas vezes compartilhados com outros grupos juvenis, sempre com tensão, territórios que se formavam e se dissipam ao sabor dos encontros; articulando as diversas áreas da cidade numa mesma noite. Foi a partir das experiências dos jovens que pude entender o porquê de

certas áreas serem preferidas em relação a outras, o porquê de certos locais intersticiais na cidade, a preferência por certos estabelecimentos, por certa atmosfera... Assim, o substrato material do território joga um papel na territorialização que ali acontece. Ao seguir as trajetórias de culturas juvenis e como em torno delas foram sendo tecidas redes de sociabilidade, territorializando-as localmente, fui identificando a historicidade de sua espacialização no lugar. Territórios moveiços, renovados a cada passo e sempre mediante negociação, ao mesmo tempo em que a própria cultura no seu movimento localizado também se transformava, com a chegada de novatos (novos jovens que descobrem nelas possibilidades de sociabilidade e socialização), que fazem com que nos terminais de conexão aconteçam não apenas o encontro entre aqueles que partilham as mesmas referências, mas também muita divergência e negociação em torno dos sentidos da própria cultura, com desdobramentos na sua territorialização.



Protesto de jovens na cidade de Sorocaba (SP), exigindo justiça para a morte de pessoas negras vítimas de racismo. Junho de 2020.

É por isso que devemos, na verdade, falar em “juventudes” e não apenas juventude?

Sim. Não há um sentido fixo para o próprio conceito, como apresentado no início, uma vez que o estudo de grupos sociais específicos em movimento de constituir e negociar entre si e com os outros seus territórios e identidades. É neste movimento que passo a ler a cultura juvenil *punk* (e também a *hip-hop*) como um campo cultural em disputa, em que os sujeitos que as incorporam para a elaboração de sua identidade passam a participar do movimento de produção localizado dessas culturas, negociando permanentemente seus sentidos. Assim, nada parece ser fixo ou ter uma unidade coesa, seja o território, seja a própria identidade...

Qual é a importância desse debate sobre a geografia das juventudes para a escola brasileira?

Se é possível falar na existência de uma geografia das juventudes, seja porque os jovens e as jovens elaboram espacialidades cotidianas, produzindo seus espaços de interação, seja porque existe uma produção que tem se avolumado na geografia sobre as juventudes, seria possível e mesmo desejável pensarmos uma geografia para as juventudes na escola? Essa questão permanece ainda sem resposta. É preciso conhecer as relações estabelecidas na escola, o que os estudantes têm a dizer sobre seus anseios em relação a ela, à relação professor/estudante, suas ideias quanto ao papel que o conhecimento geográfico escolar tem em suas vidas. Assim, é preciso ampliar os canais de comunicação, bem como fomentar o próprio protagonismo juvenil na escola, reconhecendo os jovens como interlocutores importantes para pensar o ensino de geografia.

Você encontra obras desse autor nas referências indicadas na Apresentação desta obra.